

MOMENTO

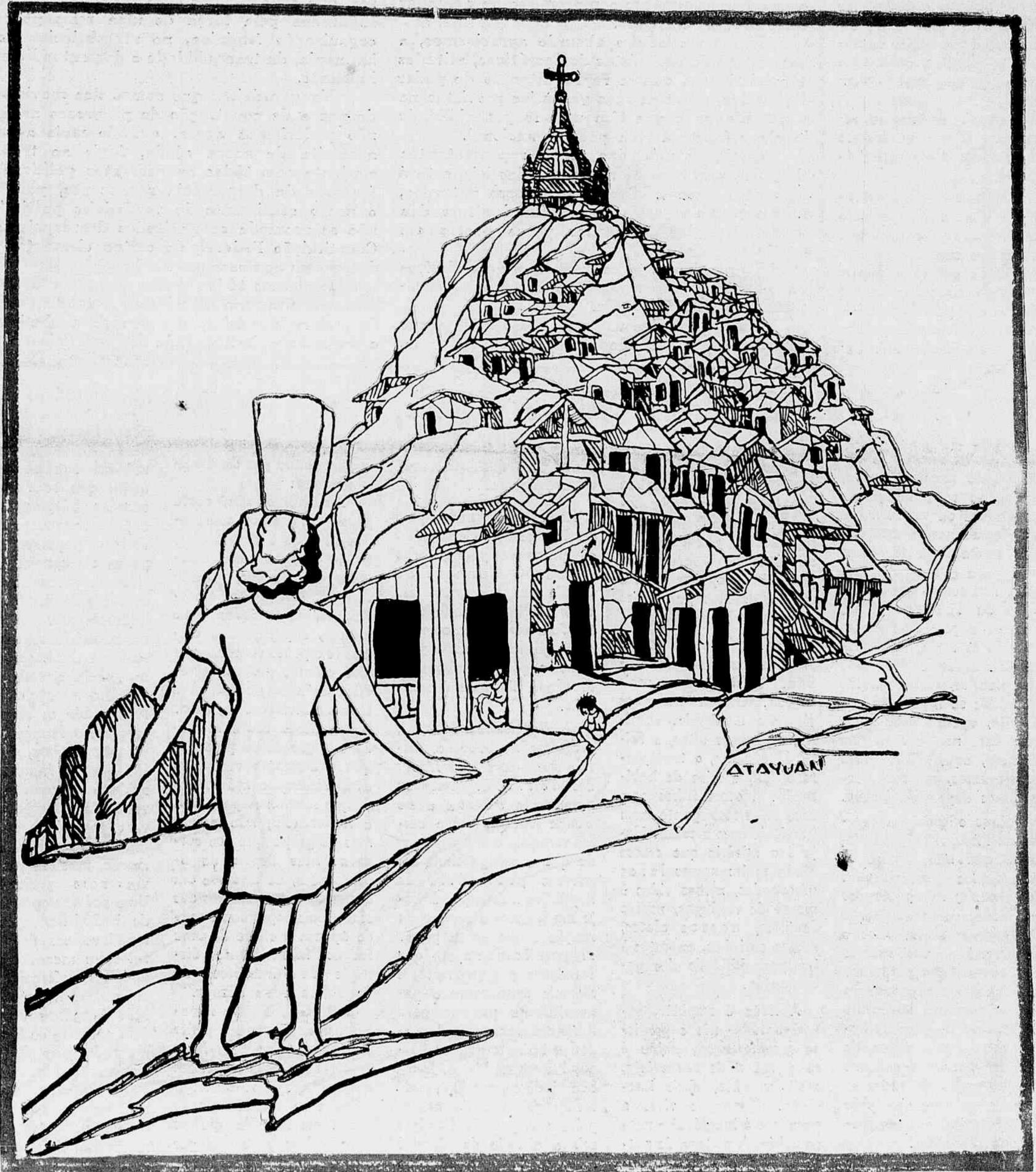
feminino

LAVRADIO, 55, Sala 14 — RIO

Sexta-feira, 31 de Outubro de 1947

CR\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 15

UM JORNAL PARA O SEU LAR



■ Favela tem sido cantada nos sambas, apregoada pelos noriciários dos jornais mas a miséria de seus habitantes só agora começa a interessar os poderes públicos. Não há água, não há higiene, não há alegria. As mulheres da Favela se organizaram e lutam pelos interesses dos moradores do morro

SOLIDARIEDADE À "TRIBUNA POPULAR"

Como órgão da imprensa democrática, a serviço das causas justas de todo o povo, especialmente das mulheres, não poderíamos deixar de prestar nossa solidariedade à "Tribuna Popular", pelos atentados recém praticados por provocadores com a aquiescência de policiais, nas oficinas e redação desse prestigioso jornal.

As cenas de verdadeira selvageria desenvolvidas há dias nesta capital, atacando jornalistas e destruindo material técnico e de escritório desse órgão da imprensa popular, receberam por parte da população carioca, a mais veemente demonstração de repulsa, refletindo bem o verdadeiro sentimento democrático do povo.

"MOMENTO FEMININO" lança o seu protesto contra esses crimes que centaram com a coparticipação da polícia e reafirma sua decisão de lutar em defesa dos princípios básicos constitucionais, que asseguram a liberdade de imprensa.

Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

Um dos últimos acontecimentos que muito têm preocupado a opinião pública da capital da República foi o desrespeito às imunidades parlamentares levado a efeito em Maceió, pelo governo daquela cidade.

A nossa preocupação aumenta pela ameaça que cerca os representantes do povo em todo o país, cujos mandatos têm de ser garantidos, porque esse é um direito constitucional, que deve ser inviolável.

Para nós, mulheres, esse fato último constitui uma séria advertência às Vereadoras do Distrito Federal e às deputadas de S. Paulo, Pernambuco, vereadoras de Niterói e São João de Merity, todas em pleno uso e gozo de seus mandatos, conferidos pela vontade do povo, com quem assumiram compromisso de defender os interesses coletivos.

É um verdadeiro absurdo apreciarmos, a esta altura de conquistas democráticas, atitudes tão criminosas contra representantes do poder legislativo, que têm suas garantias previstas na Carta Magna e que têm uma responsabilidade invulgar frente à vida política nacional.

Qualquer uma das atuais representantes do povo, com assento nas casas das leis, estará exposta a uma arbitrariedade dessa natureza, uma vez não seja ela respondida à altura das nossas energias, já tantas vezes postas em prática.

É preciso que se respeitem os direitos conquistados pela vontade popular, nas representações parlamentares.

Indiscutível é o valor da voz feminina nos Parlamentos e, se não forem assegurados os

seus mandatos e suas prerrogativas legais, é certo que marcharemos para uma situação muito séria, que abalaria toda a vida política de nosso povo. O exemplo das mulheres de todos os países, nas suas investidas corajosas, nas suas resistências decisivas contra um retrocesso democrático mundial, ha-de ser seguido pela mulher brasileira, coesa, organizada e definida, mais do que nunca, em prol da segurança de nossos princípios de prosperidade, de independência e de democracia.

Repelindo energicamente o insulto à nossa dignidade, com o atentado levado a efeito em Maceió, as parlamentares brasileiras, que labutam nas casas legislativas em favor do nosso povo, esperam, confiantes em todas as mulheres, que seus direitos constitucionais sejam assegurados pela força de uma mais poderosa organização feminina, no restabelecimento da harmonia, da tranquilidade e dos entendimentos humanos.

Vanguardistas que somos dos movimentos de paz e de construção do progresso nacional, não poderíamos agora, quando mais a nação necessita de nossa ajuda, fugir ao trabalho conjunto com todas as correntes políticas defensoras da democracia renascente, para que o nosso sentimento de verdadeiro patriotismo não se acomode com atitudes desrespeitosas à Constituição Federal, de certos elementos que desservem ao nosso povo.

Fiquemos todas muito atentas e defendamos com o mesmo entusiasmo e vigor a tradição da mulher brasileira, que sempre, soube honrar o sentimento de liberdade dos brasileiros.

MUNDO DE HOJE



A esta seção cabe apenas olhar as coisas que andam pelo mundo agora, o que se sabe de países longínquos ou vizinhos. Mas como pensar nos outros numa hora tão sombria para o Brasil? Como falar nas conquistas populares da Tchecoslováquia, nas realizações da Polônia, quando as nossas conquistas tão duramente obtidas são pizadas, quando nossa liberdade se torna em cada dia, apenas uma sombra? Esse não é o mundo de hoje, aquele que tanto desejamos, que tanto esperamos depois da guerra.

Pobres e queridos mortos de Pistoia! Não há discurso que não lembre os soldadinhos assassinados pelos nazis; não há orador que deixe de mencionar o cemitério italiano. Mas a lembrança desses mortos fica apenas nas palavras. Seus corpos e sua bravura servem somente ao brilho das frases. Os atos de hoje contestam o valor de nossos bravos. A palavra democracia enche todas as bocas esquecidas que não basta pronunciá-la, ela precisa ser realizada.

Como falar em democracia liquidando os menores direitos dos cidadãos? Como pronunciar frases e mais frases usando palavras como liberdade, se ela está sendo cerceada, se ela

é riscada dos menores atos nacionais? Depredam-se jornais, ferem-se trabalhadores à pistola, homens desoparecem, prendem-se criaturas livres, fala-se em patriotismo apenas para à sombra de uma palavra se cometer arbitrariedades.

Para nós, mulheres, a ameaça é ainda mais sombria. Os horizontes mais negros. Ontem tínhamos somente a miséria, as filas, os preços altos, a falta de gêneros, o transporte difícil, a crise de habitação. Nossos filhos sem escolas, nossa gente sem hospitais nem creches. Hoje é a miséria que cresce ainda mais: nossos lares ameaçados, nossas vidas à mercê de verbugos, nossas famílias, nossos afetos, nossos carinhos, expostos à irresponsabilidade dos governantes.

A hora é sombria, sabemos todas nós e por isso mesmo nossa união é cada vez mais necessária, mais urgente, mais imediata. Queremos viver e para isso é inadiável a nossa união. A certeza de nossa vitória não nos abandona. Somos aqueles que defendem real e positivamente os soldadinhos bravos e indomáveis que caíram no solo italiano defendendo a Democracia para

MUNDO DE HOJE



ENEIDA

o mundo e que estão sendo esquecidos...

As eleições municipais na França estão enchendo as primeiras páginas dos jornais. O general De Gaulle chega a pretender a dissolução do Parlamento francês exigindo eleições gerais e emendas à Constituição. Também na França a situação é sombria.

O sábio Marcel Prenant, professor na Sorbonne, antigo chefe do Estado Maior dos F. T. P. E. escreveu uma carta aberta a De Gaulle lembrando-lhe certas verdades e demonstrando que o antigo chefe do governo provisório da República Francesa, é hoje um homem a serviço da reação e inimigo do povo. Prenant lembra em que condições o general De Gaulle condecorou o general Dentz que entregara Paris aos nazistas e defendeu a Síria contra as Forças Francesas Livres. Lembra ainda que os "maquis" foram privados de armas pelos serviços de Londres sob a direção do Comité Nacional Francês presidido por De Gaulle o qual pensava mais no post-guerra do que realmente na libertação do solo nacional. Marcel Prenant protesta contra a política divisio-

nista segura por De Gaulle dizendo:

"Escrevendo esta carta penso em nossos camaradas de toda a Resistência, mortos em combate, fuzilados, enforcados, guilhotinados, torturados, assassinados, espancados até morrer, deportados e cremados e penso também que eles quando em vós acreditavam não queriam essa obra de divisão e de ódio. Fostes nosso chefe respeitado e, graças ao prestígio que a distância vos dava, acusávamos da má vontade que sentíamos para com a Resistência, não a vós, mas ao grupo que vos cercava. Mas depois da libertação e, de discurso em discurso, vos revelastes aos olhos mais cegos como sendo apenas o chefe de uma facção inteiramente distante dos interesses da República e da França."

E De Gaulle quer restabelecer na França o poder pessoal. Como se fosse possível um novo Hitler em novas roupagens. Os franceses vêm que a reação faz tentativas de grande envergadura para esmagar o movimento democrático.

Diz um jornal francês: "Enquanto o imperialismo do dólar tenta pôr a mão sobre a Europa ocidental, as novas democracias da Europa oriental se organi-

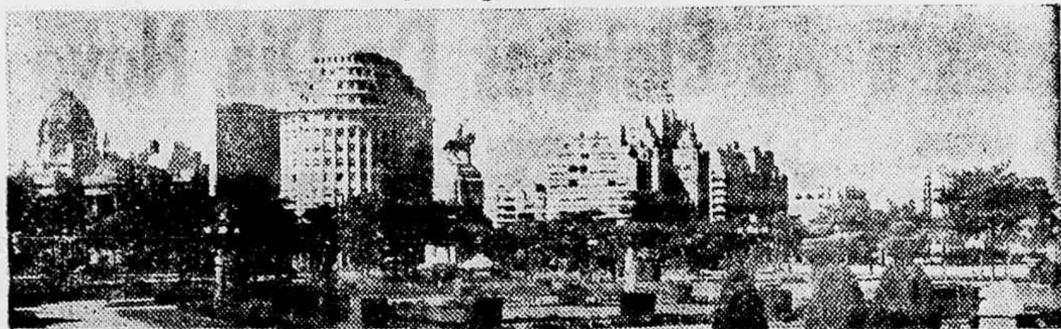
MUNDO DE HOJE

zam, fazem acordos econômicos e desenvolvem ao máximo sua produção. É assim que se fazem os acordos búlgaro-iugoslavo e polonês-tcheco. É sobre as lutas populares que repousa o essencial da política de reconstrução que deve ser realizada."

Lembramos então o pequeno diário do romancista Jean Guehenno, escrito na prisão quando os alemães dominavam Paris. Analisando as causas que levaram a França à escravidão nazista, declara ele que os franceses não sabiam certamente todo o valor da liberdade. Falavam demasiado nela, julgavam possuí-la inteiramente, mas era uma palavra sem profundidade. Uma palavra apenas. "Desde 1850, Renan já recomendava aos liberais que falassem menos em liberdade e se esforçassem mais em pensar livremente"... Não é apenas uma frase esse conceito de Renan comentado por Guehenno. Realmente neste mundo atual fala-se demais em liberdade e os liberais são os que menos se esforçam por pensar livremente. "Liberdade ou morte!" gritam os liberais, mas quando o fazem estão pensando apenas no valor sonoro da frase; a morte aparece ali apenas como uma figura de oratória...

ESSES TRANSPORTES...

Reportagem de LÉA



A cidade está crescendo... os transportes diminuindo

Seis horas da tarde, na praça Tiradentes...

É raro o carioca, que às 6 horas da tarde, consiga andar pela Praça Tiradentes sem levar três a quatro empurrões fraquinhos e outro tanto de empurrões com vontade... Tentamos fazer justamente nesse ponto e nessa hora, uma reportagem entre as mulheres que corriam para tomar os bondes da zona Norte... Ficamos um bom tempo procurando chamar a atenção de alguém... Distribuímos "MOMENTO FEMININO"... Tentamos falar com algumas mulheres... Mas não era possível! Mal explicávamos o nosso objetivo e a nossa entrevistada gritava:

— Desculpe, lá vem o meu Andaraí!... e misturava-se na multidão...

Afinal, conseguimos reunir umas seis mulheres... Pedimos que nos dessem um pouco de atenção... queríamos apenas falar sobre a condução. Nada mais.

"Bem, se é para um jornal de mulheres, pode dizer por minha conta, que é uma vergonha para o Rio de Janeiro o nosso sistema de condução!"

Essa foi a frase de Maria José Fernandes, jovem comerciária, coxeira. E ela continuou...

"Eu entro na Loja as oito e meia... Saio de casa às 7 horas e mesmo assim chego atrasada. É um inferno! Tenho mais medo da condução que do emprêgo. Moro no Andaraí, mais ou menos no meio da rua Barão de Mesquita. Quando tomo o bonde de manhã ele já vem mais do que cheio... a gente mal e mal entra... E o bonde parece que vem puxado a burro... É mole, que só ele! Dá vontade de descer e empurrar... Mas o pior é que quando perco o bonde das 7, só me aparece outro às 7 e meia... Aí, pode contar... é ponto cortado."

Dona Elcina Potiguar, que trabalha num escritório na avenida Rio Branco, está esperando um bebê, para breve... Percebe-se que está cansada...

"Veja a senhora, diz dona Elcina, eu tenho que trabalhar... moro lá para cima... E sofro de mais... Temos poucos bondes... de manhã tomo o ônibus 27 que sobe e vou até o fim da linha, para poder vir sentada... Não suporto os bondes, pois quase morro. Infelizmente tenho que trabalhar e essa despesa de condução representa um bom corte no meu ordenado... Mas não vejo outra solução! Na volta, tenho que ir de bonde, pois acho que desmaiaria se ficasse na fila do ônibus... A senhora já foi à Praça Mauá, às 6 horas da tarde? Aquilo parece até uma farsa... E se ao menos me dessem um lugar, uma preferência qualquer... mas não adianta! Chego em casa morrendo de cansada, não só de ficar na máquina o dia todo como ainda de tomar esses bondes e ônibus horríveis."

OS HOMENS TÊM MAIS VANTAGENS

Uma garota que não quis dar o nome, disse que o problema da condução não mere-

ceria ainda qualquer cuidado do governo...

"Eles andam de automóvel, minha filha, não sabem o que se passa aqui em baixo. E isso de dizer que a culpa é das mulheres, eu não concordo! Diga aí em seu jornal que precisa acabar com essa história que mulher trabalha para se enfeitar e que por isso deve arcar com as consequências! Os homens têm mais vantagem. Trabalhamos tanto quanto eles e porque precisamos. Mas na hora de tomar o bonde eles tomam andando... E nós temos que esperar o bonde parar. Antes ficávamos em pé no meio do banco. Quando descia alguém a gente dava um jeito. Mas agora os homens entram também. Sobem e ficam no meio... E nada de dar o lugar pra gente... Saltou alguém eles sentam... Nessa história de condução o homem leva vantagem!"

A jovem lança aqui seu protesto... Registramos as suas palavras... E aqui fica o seu apêlo... "Que os homens não fiquem parados no meio do banco".

Ligia Sales, outra comerciária, não concordou com as palavras da mocinha revoltada...

"Nada disso... os homens sofrem tanto quanto nós com essa história de condução. Também andam de estribo agarrados, feito não sei o que! E quando chove, chegam em casa molhados como pintos. Eu quase todos os dias, às 6 horas, vou a pé até a praça da República... Pago duas vezes. Vou até lá, tomo o bonde que vem e pago na volta... Mesmo assim viajo em pé, muitas vezes... Eu não devia contar esse "truque", porque daqui há pouco vou ter que ir a pé até a Praça 11..."

O QUE FAZ A LIGHT?

"A Light só sabe fazer propaganda nos jornais! Mas na hora da condução a gente vê que ela não presta mesmo!" — disse Maria José Fernandes. Porque os bondes são tão poucos? Andar de ônibus sai caro e não adianta nada... Na minha rua eles todos passam lotados. E os bondes são velhos, antigos... Não sei se vocês sabem que os bondes da zona Norte são piores que os da Zona Sul... Aqui são mais estreitos e incômodos e tenho a impressão que é de propósito. Na zona Sul o pessoal paga 60 centavos... nós pagamos 40. Afinal, não sei o que faz a Light... Só sabe aumentar o preço. Eu pagava 20 centavos de bonde, agora já aumentaram. Acabaram com as secções de 100 réis, e não melhoraram nada. Cada vez piora mais!"

Clarice, uma jovem arquivista, de óculos, que até então estivera calada entusiasmou-se...

"É! isso mesmo! Eu gostaria que a Light respondesse: o que fez até hoje para melhorar a condução? Ouvi dizer que os bondes são os mesmos de 50 anos atrás. Todos velhos. Eles aumentaram o preço do bonde e não melhoraram nada. A Light só sabe comer dinheiro... E já que falamos em Light, a senhora poderia também perguntar no seu jornal se a guerra acabou... Sim, eu queria sa-

ber se a guerra acabou... Enquanto havia guerra a gente suportava muita coisa porque azeitavam que tudo ia melhorar... Mas já lá se vai um ano e tudo continua igual ou pior... Veja o caso do gás... Cobravam em dobro tudo o que passasse da quota... Até hoje estão fazendo isso. Por que? Ainda há racionamento de gás?"

Pedimos que nossas entrevistadas não saíssem do assunto da condução porque não poderíamos dizer tudo numa só entrevista... Prometemos que em outra ocasião falaríamos sobre o gás, telefone e o resto... As queixas e reivindicações são muitas.

O PROJETO DO METRO

O que vocês acham sobre o projeto da Câmara Municipal sobre o Metro?, perguntamos.

Pelo que pudemos observar, poucas sabiam do que se tratava... Explicamos então que havia na Câmara Municipal um projeto que nos daria um Metro... Linhas subterrâneas, sobrepostas que facilitariam muito o transporte. Falamos do Metro na França, Estados Unidos, Argentina e de todas as capitais dos grandes países europeus...

"Mas isso seria formidável, disse dona Ecilda, assim poderíamos até almoçar em casa, pois a viagem seria curta... Será que o tal projeto sai?"

"Por que não pensaram nisso antes? perguntou outra moça — Esse drama da condução já dura muito tempo."

Maria José, sempre pronta a falar de seu "Palpite". — "Qual... mesmo que aprovem o tal projeto, vai durar séculos até ficar pronto. Eu conheço esse pessoal do governo... Tudo o que facilita a vida da gente, eles atrapalham... E sou capaz de apostar como a Light se mete no meio para atrapalhar tudo."

"Nessa terra quando aparece alguém que quer fazer alguma coisa de bom, sempre aparece outro alguém que atrapalha..."

Apesar da falta de confiança no governo, as moças estavam animadas. O Metro seria uma grande solução. Mas seria preciso concretizar a sua realização o mais depressa possível. O povo precisa com urgência que alguém olhe pelos seus interesses primordiais.

QUAL SERIA A SOLUÇÃO PARA ACABAR COM OS ABUSOS

"Em primeiro lugar, disse a jovem de óculos, aprovar e começar imediatamente a construção do Metro."

"E", mas também precisamos acabar com a Light, respondeu Maria José, nacionalizar o transporte todo... Se não fizerem isso, não adianta nada!"

"A história da Light ainda precisa ser bem contada, falou um das moças, a gente só sabe que ela tem bondes e ônibus, luz, gás, telefone... Mas deve haver muita sujeira no meio. É preciso que tudo passe para as nossas mãos. Deve-se conseguir isso de qualquer maneira e assim poderemos ter um bom sistema de condução."

Em resumo, podemos dizer que de nossa conversa com estas 6 mulheres que diariamente sofrem o suplício da condução no Rio de Janeiro, chegamos à seguinte conclusão: ser aprovado e deve ser concretizado. O povo

1.º — O projeto sobre o Metro precisa deve tomar conhecimento desse projeto e ajudar os vereadores que lutam por ele.

2.º — Devem voltar a ser irradiados os debates da Câmara Municipal para que o povo tome conhecimento do que se passa e o que se está fazendo para atender as mais urgentes reivindicações dos cariocas.

3.º — A Light deve ser inteiramente nacionalizada — todos os seus serviços de utilidade pública, devem pertencer ao governo brasileiro, que deverá explorá-los em benefício do povo.

4.º — O serviço de bondes e ônibus deve ser melhorado e aumentado.

CANDIDATAS DE S. PAULO

As Mulheres Paulistas e As Eleições Do Dia Nove

ARMELINDA BEDIM

É uma candidata de prestígio e que vai merecer os votos, onde até o momento luta pela defesa dos interesses dos operários da fábrica e pela mulher trabalhadora de maneira geral.

Integra hoje a chapa dos candidatos Populares. Será eleita pelo povo, e pelas mulheres do seu bairro e do local de trabalho.

SALVADORA LOPES PERES

Tecelã, descendente de família camponesa. Aos 11 anos de idade teve que ingressar como operária da Fábrica Votorantim, sendo dispensada em 1938 por não querer assinar o compromisso de trabalhar 10 horas de serviço. Readmitida em 1939 em Votorantim onde exerce ainda a sua profissão, por mais de uma dezena de vezes foi obrigada pelos acontecimentos da luta operária, participar dos movimentos grevistas em defesa das reivindicações dos trabalhadores. Tornou-se líder sindical dado ao seu conhecimento das causas trabalhistas e a sua luta em prol de melhores condições de vida para os seus companheiros de trabalho.

tos de suas companheiras de luta.

CAETANA MARTINI

Descendente de família operária, depois de terminar o curso primário dedicou-se à profissão de costureira.

No contacto diário com o povo e os trabalhadores, tornou-se verdadeira orientadora da massa, no sentido da defesa dos seus direitos e pela defesa da Constituição. Caetana Martini, membro da Comissão de Organização da União das Mulheres Democráticas de Sorocaba, vem trabalhando incansavelmente pela união de todas as mulheres, pela paz mundial e pelo respeito à Constituição da República.

É uma candidata que vai concorrer seriamente a uma cadeira de vereadora.

ARMELINDA BEDIM

Esta jovem tecelã é uma das mais destacadas figuras femininas de Santo André — S. Paulo — candidata popular às eleições de 9 de novembro.

Será a futura Vereadora paulista, levantando sua voz no legislativo da cidade em defesa dos problemas femininos e do povo de sua terra.

Seu prestígio no seio da população de Santo André decorre de sua atuação frente aos movimentos femininos, à procura de solução dos interesses das mulheres, que tanto lutam por melhores dias.

É membro, dos mais antigos e ativos da União das Mulheres Democráticas de Santo André, organização de combate à carestia e câmbio negro.

Armelinda Bedim receberá o voto das trabalhadoras têxteis e de todas as mulheres que nela depositam confiança de que sua voz na Câmara legislativa se levantará, enérgica e decisiva na defesa da população Santoandresense.

Será mais uma mulher que enfrentará o cenário político brasileiro, na certeza de que a palavra feminina não pode silenciar nesta hora em que a democracia renasce em nossa pátria.

MARIA CORTAZZI

Nasceu em Buritama, distrito de Monte Aprazível. Filha de camponeses, Maria Cortazzi passou toda sua infância e idade escolar no meio rural, viveu 5 anos na fazenda Sta. Bárbara e depois na Fazenda Esperança, no município de Mirassol.

Maria Cortazzi, sentiu em sua própria carne durante 15 anos as misérias que afligem a classe rural.

Em setembro de 1943, veio para a capital Paulista e sozi-



Salvadora Lopes Peres



Maria Cortazzi

TRINDADE SANCHES GARCIA

Nascida em S. Paulo, no dia 9 de Julho de 1926, filha de operários, devido a má situação de seus pais e devido aos salários baixos que percebiam como acontece com todos os demais operários, Trindade Sanches Garcia, com 11 anos teve que abandonar o grupo escolar para ir trabalhar numa fábrica de doces. Deixa a fábrica e começa a trabalhar como tecelã. Tempos depois entra para a Tecelagem Texti-

Membro da União das Mulheres Democráticas de Sorocaba, vem trabalhando ativamente pela defesa da paz mundial contra a guerra e pela Democracia.



Trindade Sanches Garcia



Armelinda Bedim



Caetana Martini

nha num meio completamente estranho, enfrentou com coragem todas as dificuldades. Trabalhou durante 2 anos na fábrica de Tecidos Mariangela das I. R. F. Matarazzo.

De 1945 para cá, Maria Cortazzi é comerciária e devotou-se a um trabalho exaustivo pelas causas populares, tendo mesmo se destacado nas campanhas pró constitucionalização do país.

Durante a Campanha Pró Imprensa Popular, teve também atuação ardorosa.

Hoje, Maria Cortazzi integra a Diretoria das Mulheres Democráticas de S. Paulo, onde atua com destaque na luta intransigente pela defesa da mulher paulista.

HOLLYWOOD

TAMBEM LUTA



Fuddy Garland fez um discurso mostrando o que é ser democrata real e positivamente.



Dois grandes atores vítimas do ódio trumanesco dos Manjous: — John Garfield e Gregory Peck. Dois lutadores.



Grande Keppburn! Num dos maiores comícios realizados ultimamente nos Estados Unidos ela falou ao lado de Wallace em defesa da liberdade.

Continuam os artistas de Hollywood a ser vítimas dos fascistas que não se convenceram ainda do fim Hitler-Mussolini. As acusações são ridículas e um vespertino que resolveu publicar os retratos dos delatores o fez espalhafatosamente, com o convite nas entrelinhas: "vamos também fazer um fascismozinho brasileiro?" Os retratos são ridículos também. O velho Menjou é o tira confesso. Robert Taylor o anjo swastico... E assim por diante. Mas o já mencionado vespertino publicou também um telegrama que vale a pena ser lido:



Nicolas Guillen

Está no Rio o poeta negro de Cuba Nicolas Guillen. Sua poesia é o reflexo vivo da alma de seu povo e em quase todos os seus poemas encontra-se vivo e palpante o negro, sua angústia, sua opressão, sua humilhação contínua.

Nicolas Guillen fará entre nós conferências e quer estreitar as relações culturais entre Cuba e o Brasil.

MESAS REDONDAS

No número anterior, levantamos aqui o problema de que, em cada bairro, "Momento Feminino" patrocinaria uma mesa redonda de mulheres para que os seus problemas fossem amplamente discutidos.

Na próxima semana, marcaremos uma convocação de todas as interessadas para que seja organizado o temário e as normas das referidas mesas redondas.

Pedimos a todas as nossas leitoras que enviem sua opinião sobre o assunto, para a redação do "MOMENTO FEMININO", a fim de que nos informem sobre as suas possibilidades e sua opinião. Recebemos qualquer sugestão.

DR. HENRIQUE BASÍLIO RAIOS X

Avenida Nilo Peçanha, 156,
8º andar - Sala 902
— Telefone: 42-4545 —

Coisas Que Aconteceram

(DOS JORNAIS)

AVANÇAM AS MULHERES

Fred Wormull, na Grã-Bretanha, é o presidente da Sociedade Anti-Feminina recém fundada, para sustar a incursão feminina nos campos de ação masculinos.

Acham os membros dessa sociedade, que as mulheres estão usurpando os direitos dos homens e precisam de ser privadas disso em tempo.

"Como os homens são os responsáveis legais pela manutenção da família, somente eles teriam direito a acupar todos os empregos fora do lar, sem a concorrência da mulher" — diz o sr. Wormull.

★

E' de acreditar-se que os elementos dessa sociedade estão bem distantes deste século...

Se agora não admitem a cooperação feminina em todos os trabalhos, isso constitui uma grave injustiça à mulher britânica, que com tão elevado senso democrático participou lado a lado com o homem para vencer a guerra contra o fascismo. Nessa ocasião, quando se necessitava em todo o mundo do trabalho sempre eficiente da mulher, ela tinha o seu valor reconhecido e direitos iguais aos dos homens.

Pois agora também, na paz, esse direito de participar na totalidade dos trabalhos de suas pátrias, lhe é sagrado e ninguém lhes pode tirar.

A mulher é parte integrante da humanidade e não é possível cometer-se

desigualdades de direitos por diferenças de sexo, quando todos os povos procuram produzir para um mesmo fim, na conquista de um mundo melhor para homens e mulheres.

As mulheres não querem superar aos homens mas, sim, participar com eles de todos os empreendimentos.

Dessa forma, o direito de colaboração com o homem foi uma conquista da mulher e estamos certas de que só não reconhece a vantagem de um trabalho igual para todos, quando se tem uma mentalidade bem retrógrada.

Este medo lamentável de uma pequena camada da sociedade masculina da Grã-Bretanha, é um incentivo ao trabalho organizado das mulheres, que visam dar o seu trabalho útil e necessário a suas pátrias.

OS CINEMAS DA AMÉRICA DO SUL

Segundo as últimas estatísticas o número e a capacidade das salas de cinema na América do Sul são as seguintes: Argentina 1.500 cinemas com 872 mil lugares; Brasil 1.500 com 940 mil; México 1.400 com 1.250.000; Columbia 450 com 250 mil; Venezuela 340 com 250 mil; Chile 300 com 250 mil; Perú 225 com 200 mil; Uruguai 175 com 100 mil; Cuba 500 com 300 mil; República Dominicana 45 com 20 mil; Trindade 40 com 25 mil; Antilhas Francesas 20 com 8 mil; Equador 34 com 30 mil; Bolívia 45 com 30 mil e Paraguai 25 com 25 mil.

"Hollywood, 25, (INS) — Um grupo de importantes artistas fará no próximo domingo uma irradiação contra as investigações do Comitê de Atividades Anti-Americanas do Congresso e farão tal transmissão sob o patrocínio do comitê: "Hollywood também luta".

O programa será transmitido de costa a costa por grande rede de emissoras americanas, devendo atuar no mesmo: Spencer Tracy, Gregory Peck, Eddie Cantor, Katherine Hepburn, Rita Hayworth, Myrna Loy, Walter Wanger, Jimmy Stewart, Humphrey Boggart, Lauren Bacal, Margaret Sulavan, Joan Crawford e Frank Sinatra, sendo que o programa tem como base a afirmação de que as investigações "violam o direito de liberdade de palavra".

Esse o telegrama. O comentário é a gente imaginar e declarar que essa grande equipe de lutadores e tão grandes artistas, está realizando a maior obra de sua vida. O comitê "Hollywood também luta" é uma bruta compensação para os arreganhos fascistas americanos. Americanos só, não; compensação, alegria para o resto do mundo.

No meio de toda aquela trapalhada fascista do Comitê de Atividades anti-americanas, aparecem como nos filmes de mistério, personagem fantásticos, testemunhas misteriosas que são apenas outros Menjous-tiras-confessos. Dezenove artistas de cinema são acusados. Todos eles grandes, todos bons atores. John Garfield que preside a comissão de apoio ao grupo acusado declara: "O regime de suspeitas deve terminar".

Democracia americana... liberdade americana... onde estás que não respondes? E.M.



Joan Crawford é uma das maiores figuras do cinema. Como é sabe-la, também, grande figura política.

A COLCHA DE RETALHOS

MONTeiro LOBATO

UPA! Cavalgo e parto.

Por estes dias de Março a natureza acordava tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblina e é com espreguiçamentos de mulher vadia que despe os veus da cerração para o banho luminoso do sol.

A névoa esmaia o relevo da paisagem, desbota-lhe as côres. Tudo parece coado através dum cristal despolido.

Vejo a orla de capim tufada como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o rosto terra da estrada decorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto gotejante d'alguns angiqueiros marginaes.

Agora, uma porteira. Ali, a encruzilhada do Labrego.

Tomo à destra, em direitura ao sítio do José Alvorada.

Este sujeito mora-me a jeito de empreitar um roçado no capoeirão do Bilú, nata de terra que pelas bôcas do caeté legítimo da unha-de-vaca e da caquera está a pedir foíce e covas de milho.

Não é difficil a puxada: com cinquenta braças de carreador boto a roça no caminho.

Três alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um — nove vezes quatro trinta e seis: trescentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras que o porco estraga e o que comem a paca e o rato...

Será a filha de Alvorada?
— Bem dia, menina? O pai está em casa?

É a filha única. Pelo jeito não vai além de quatorze anos. Que frescura! Lembra os pés da avenca viçados nas grotas notuegas. Mas arredia e ite como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Vem pegar água a este córrego e é milagre não se haver esgueirado por detraz daquela moita de taquarís, ao ver-me.

— O pai está lá? insisti.
Respondeu um "está" enleado sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do malo asselva estas vadinhas! Note-se que os Alvoradas não são calpiras. O velho, quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-se até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na luta contra terras ensapezadas e secas, que encurtam as safras por mais que dê de si o homem. Foram-se rareando as lidas à cidade e, ao cabo, de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outônicos, e que a geada queimou o café novo — uma tamina, três mil pés — o velho, amuado, nunca mais espichou o nariz fora do sítio.

Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher enraizou de péo para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vai à vila três vezes — uma a batizar, outra a casar, terceira a enterrar.

Com tais casmurricas na cabeça dos velhos era natural que a pobrezinha da Bingo d'Água (tinha esse apelido a Maria das Dôres) se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar medo à gente. Fôra uma vez à vila, com vinte dias, a batizar. E

já lá ia nos quatorze anos sem nunca mais ter-se arredado dali.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ela ler e escrever que nem uma professora, se des'que casou nunca mais teve jeito de abrir um livro? Na roça, como na roça.

Deixei a menina às voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente à morada.

Que ruíria!...
Da casa antiga alhura uma ala, e o restante além da cumieira selada, tinha o oitão fora do prumo.

O velho pomar, roído de formiga, sucumbira de inanição; na ânsia de sobreviver, três ou quatro laranjeiras macilentas, furadas de broca, sopesando o polvo reirãçado da herva-de-passarinho, abrolhavam ainda rebentos cheios de compridos espinhos. Fora disso, mamoeiros, a silvestre goiaba a aracás, promiscuamente com o mato invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiro à casa. Tapera, quase, e, enluradas nela o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati palmas.
— O' da casa!
Apareceu a mulher.
— Está seu Zé?

— Inda agorinha saiu, mas não demora. Foi queimar um mel na massaranduva no pasto. Apeie e entre.
Amarre o cavallo a um moirão de cêra e entrei.

Acabadinha, a Sinh'Ana, Tôda rugas na cara — e uma côr... Estranhei isso.

Doença, gemeu, estou no fim. Estômago, figado, uma dor aqui no peito que responde na cunda... Casa velha, é o que é.
— Metade é cisma, disse-lhe, para consôlo.

— Eu é que sei! Retrucou-me suspirando.
Entrementes, surgiu da cozinha uma velhota bem apessoadá, no cerne, rija e tesa que me saudou e:

— Está espantado do jeito de Nhana? Esta gente de agora não presta para nada... Olhe: eu com setenta no lombo não me troco por ela. Criei a minha neta e inda lavo, cozinho e casso. Admira-se? Coso, sim!...

— Mecé é gabola porque nunca padeceu doença — nem de dor, de dente!... Mas eu? pobre de mim só admiro de inda estar fora da cova... Ai vem o Zé.

Chega o Alvorada. Ao ver-me, abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não peço na sua mão porque estou assim... E' só melado. Bonito, hein? Estava difficil, num ôco muito alto e sem jeito. Mas sempre tirei. Não é jiti, não! E' mel de páu.

Depôs num mocho a cuiá dos favos e se foi à janela lavar as mãos sob a cuiá d'água qu a mulher despejava. Pôs os olhos no meu cavallo:

— Hoje veio no picaço... bom bicho! Eu sempre digo: animais, aqui no redor, são este picaço e a ruana dos Izé de Lima. O mais é eguada de moenda.

Neste momento entrou a menina de pote à cabeça. Ao vê-la

o pai apontou para a cuiá de mel.

— Está aí filha, o doce da aposta. Perdi, paguel.

— Que aposta? Ah! Ah! Brincadeira. A gente cá na roça, quando não tem serviço, com qualquer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse, à — tôa são mais de dez! Pingo negou: Não chega lá, apostamos. Eram nove. Ela ganhou doce. Doce da roça mel é. Esta songinha só vendo, não é o que parece não!

A loquacidade do Alvorada não desmedrara com o atrazo da vida. Em se lhe dando corda ressurgia nêlo o tagarela da cidade.

Expuz-lhe o meu negócio. O homem enrugou a testa e refletiu um bocado, de queixo préso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que cai daquela amaldiçoada ponte do labrego, fiquei assim como quebrado por dentro. Não escoro serviço, e para lidar com camaradas no eito não basta ter bôca. Sem puxar a enxada de par com eles, a coisa não vai, não! Lembra-se da empreitada do ano retrasado? Pois sai perdendo dinheiro. O tranca do João Mina me quebrou um machado e furtou uma foíce. Com êsses prejuizos não livreí o jornal.

Desde então fiz cruz em serviços alheios. Se inda teimo neste sapeseiro, é por via da menina; senão, largava tudo e ia viver no mato, como bicho. E' Pingo que inda me dá um pouco de coragem, concluiu com ternura.

A velhinha sentara-se à luz da janela e, abrindo uma caixeta, puzera-se a coser, de ôculos no nariz. Aproximei-me, admirativo.

— Sim, senhora! Com setenta anos!

Sorriu-se, lisonjeada.

— E' para ver, e isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo há quatorze anos, des'que Pingo nasceu. Dos vestidinhos dela, vou guardando nesta caixa cada retalho que sobeja e um dia os coso. Veja que galantaria de serviço!...

Estendeu-me ante os olhos um pano variegado, de quadrinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

Esta colcha é o meu presente de noivado. O último retalho há de ser o vestido de casamento, não é Pingo?

Pingo d'Água não respondeu. Metida na cozinha, percebi que nos espiava por uma fresta. Mais dois dedos de prosa, um cafezinho ralo — escolha com rapadura — e,

— Está bem, rematel, levantando-me do mocho de três pernas. Como não pode ser, paciência. Apesar disso acho que deve pensar um bocado. Olhe que este ano se estão pagando os roçados a oitenta mil réis o alqueire. Dá para ganhar, não?

— Que dá, eu sei que dá — mas também sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era

gente, muitas peguei a sessenta, e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois anos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo dona Ana faleceu. Era fatal a dôr que respondia na carcunda. E não mais me afluava à memória a imagem daqueles humildes urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crível: o filho de um sitiante vizinho, rapaz de todo pancada, furtara Pingo d'Água aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— E' para ver! Desconfiem das sansas... Fugiu, e lá rodou com ele para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser "moça", a pombinha...

O incidente ficou a azolinar-me o bestunto. A noite perdi o sono, revivendo cenas da última visita ao sítio, e disso brotou a idéia de lá tornar. Para? Confesso: mera curiosidade, para ouvir os comentários da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rizeja de cerne. Foi.

Setembro entumecia gomos em cada arbusto. Nenhuma neblina. A paisagem desenhava-se nítida até aos cabeços dos morros distantes.

Por amor à simetria, montava eu o mesmo picaço. Transpús a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No córrego vi com os olhos da imaginação o vulto da menina envergonhada, com o pote descansado na lage e tôda às voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera atalhou-se-me, deserta. As três árvores do pomar extinto eram já galhaça resseca e poenta. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos, sempre apinhados de frutos. O resto peorara, descambando para o lúgrube. Ruiu o oitão e o terreirinho pintalgara-se de moitas de guaxuma, cordão-de-frade e jóas.

— O' de casa.
Silêncio. Três vezes repeti o apêlo. Por fim surgiu dos fundos uma sombra, acurvada e trêmula.

— Bom dia, Nha Joaquina. Está seo Zé?

Não me reconheceu a velhinha. O Zé fôra à Vila vender a sítio para mudar de terra.

Fez-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo excusas da má vista.

Entrei para a saleta vazia.
— Tem coragem de estar aqui sozinha?

— Eu? Sozinha estou em tôda parte. Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse, apontando para o mocho de dois anos atrás.

Sentei-me com um nó na garganta. Não sabia o que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nha Joaquina! Parece que foi ontem que estive aqui. Apesar das doenças, iam vivendo. Hoje...

A velha limpou no canhão da manga uma lágrima.

— Viver setenta e dois anos para acabar assim!... Felizmente a morte não tarda. Já sinto cá dentro...

Confragia-se-me o coração naquele armo onde tudo era passado — a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo trêmulo

espectro sobrevivente como a alma da tapera, a triste velhinha encanecida, cujos olhos poucas lágrimas estilayam, tantas chorara.

— Que mais agora? murmurou, pausadamente, em voz de quem já não é deste mundo. Até a "desgraça", eu não queria morrer. Velha e inútil, inda gostava da vida. Morrer-me a filha, mas restava a neta que é duas vezes filha e era o meu consôlo. Desencaminharam a pobrezinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire, logo e logo...

Relancei um olhar pela sala vazia. A caixeta de costura inda estava sobre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nela, marasmados.

A velha advinhou-me o pensamento e, erguendo-se, tomou a caixa nas mãos trêmulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente. Depois, com tremura na voz, disse:

— Dezesseis anos — e não pude acabar a colcha... Ninguém imagina o que é para mim esta prenda. Cada retalho tem a sua história e me lembra um vestidinho de Pingo d'Água. Aquil leio a vidinha dela des'que nasceu.

Este, olhe, foi da primeira camiseta que vestiu... Tão galantinha! Estou a vê-la no meu braço, tentando pegar os ôculos com a mãozinha gorda...

Este azul, de listras, lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos três anos. Ela já andava pela casa inteira, armando reinações perseguindo o Romão, que um dia, por sinal lhe meteu as unhas no rostinho. Chamava-me "ôô aquina".

Este vermelho, de rosinhas, foi quando completou os cinco anos. Estava com ele por ocasião do tombo na pedra do córrego, d'onde lhe veio aquela marquinha no queixo, não reparou?

Este cá de xadrezinho foi pelos sete anos, e eu mesma o fiz, e o fiz de sala comprida paletó de quartinho. Ficou tão engraçada, feita uma mulherzinha!

Pingo d'Água já sabia temperar um virado, quando usou este aqui, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com ele que entornou uma panela e queimou as mãos.

Este roxo, usou-o quando tinha dez anos e caiu de sarampo, muito malzinha. Os dias e as noites que passei ao pé dela, a contar histórias! Como gostava de Gata Borracheira!...

A velha enxugou na coicha uma lágrima, e calou-se.

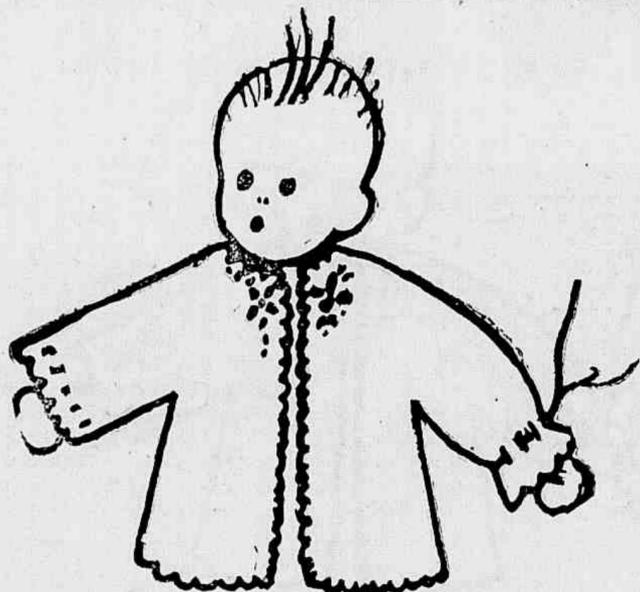
E este? perguntei, apontando um retalho amarelo, para avivá-la.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha quinze anos quando o vesti pela primeira vez, num mutirão do Labrego. Não gosto dele. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou com um vestido muito assentadinho no corpo, e galante, mas, pelas minhas contas, foi o culpado do Labreguinho engrajar-se da colçada. Hoje sei disso. Naquele tempo de nada suspeitava...

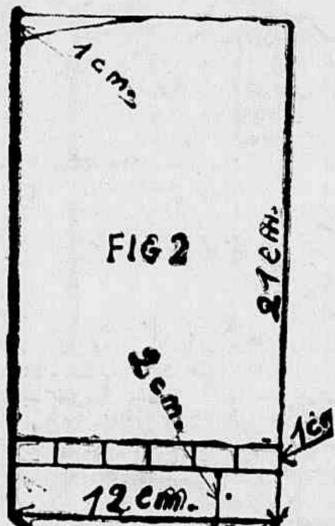
(Conclui na 15.ª pag.)

Página De Seu Filho



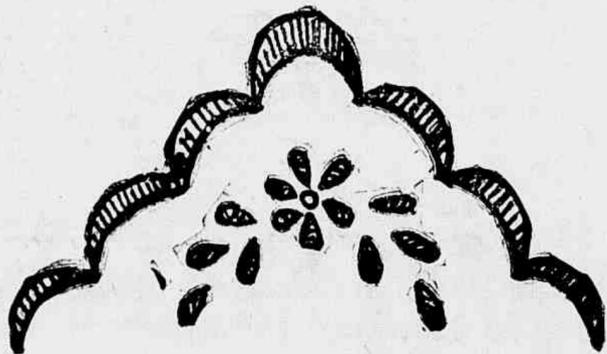
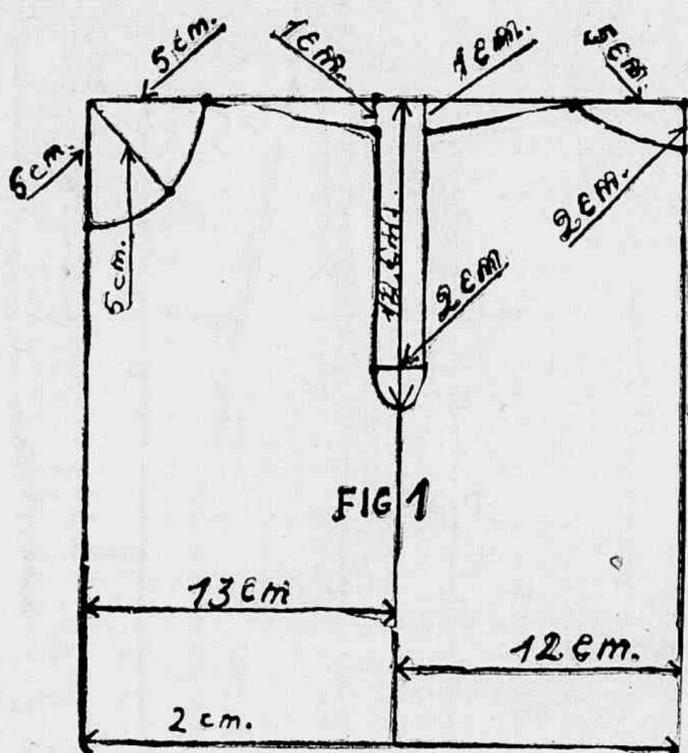
CAMISOLA DE RECEMNASCIDO

Numa folha de papel, faz-se um quadrado de 25 cm. de lado. Marca-se a lapis todos os pontos



tos com as medidas indicadas na Fig. 1. Traça-se a curva da gola, a linha do ombro e da cava, copiando exatamente o modelo. O molde da manga é feito de mesmo modo, segundo a Fig. Na altura do pulso serão abertas casas ou ilhoses para enfiar fita que ajustará a manga. Recorta-se o molde com tesoura e prende-se com alfinetes em cima da fazenda dobrada a fio, ver Fig. Como guarnição, aconselhamos um feston miúdo ou rendinha estreita que contornará a camisa e os punhos das mangas. O tecido para a confecção da mesma, deverá ser de opala ou outra qualquer fazenda macia.

METRAGEM PARA UMA CAMISA: 0,50



A PIABINHA

Lúcia Machado de Almeida

A Sereia ia se casar com o Cavalo-Marinho e quase todos os peixes estavam em sua casa.

Como era bonito o palácio da Seréia, no fundo do mar! Tudo feito de conchas, cada qual de uma cor e com uma pérola dentro.

Os peixes iam e vinham, reparando nos tesouros lá guardados: diamantes, ouro, esmeraldas, espelhos, mil coisas lindas que haviam caído no mar.

O Espadarte, que era muito amigo da Seréia, lá estava, com o seu bico fino e comprido, que tanto medo fazia aos outros peixes.

Uma comissão de camarões vermelhinhos conversava alegremente com algumas ostras.

— Então, minha senhora, dizia um deles. Como vamos de saúde? Tem fabricado muitas pérolas?

— Só uma cor de rosa, senhor Camarãozinho, respondeu ela.

— Que linda concha a sua, senhorita Ostra, dizia outro.

— Bondade sua. O senhor é que está muito engraçadinho assim com as barbinhas frisadas, acrescentou ela.

O Peixe-Elétrico dava choques para divertir as sardinhas que quase morriam de dar risadas.

Uma Baleia enorme repetia a todo instante que tinha fome e estava aflita para chegar a hora dos doces.

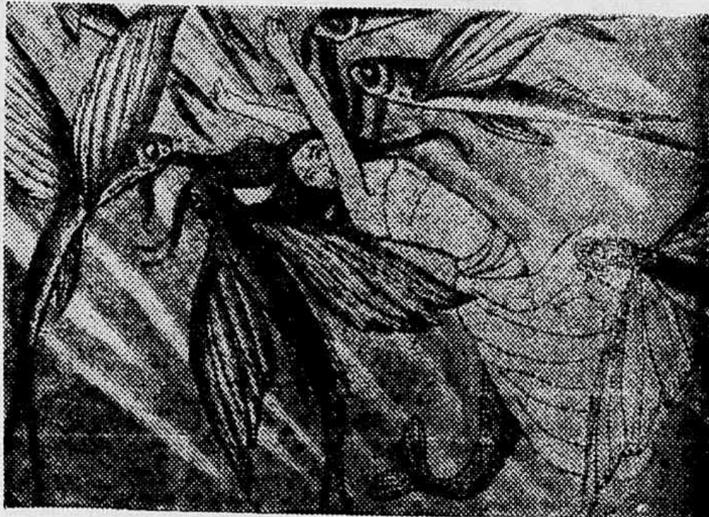
Ah! suspirava ela. Que vontade de comer macarronada de minhócas! Ouvi dizer que a salada de algas está do outro mundo!...

Enquanto isso, a Sereia es-

tava se arrumando no seu quarto enfeitado de estrelas do mar e alisava os cabelos verdes com um pentinho de tartaruga loura. Era linda!

Um Tubarão, de quem ela não gostava, quando soube que ia casar-se com outro, ficou tão apaixonado que comeu de propósito uma isca, sabendo que era de anzol.

Mas o tempo ia passando e nada da Seréia aparecer. De repente chegou uma Sardinha gritando que vira dez Peixes-Voadores carregando-a pelos cabelos e levando-a para longe.



O noivo, coitado, ficou desesperado. Os peixes choravam e corriam para lá e para cá. Todos se ofereceram para procurá-la e saíram pelo mar afora. Cada camarão foi para um lado. A Baleia foi enviada para muito longe e o Cavalo-Marinho anunciou que ia revistar todos os mares.

Escureceu, amanheceu e...

nada. Os dias se passavam e os peixes voltavam sem notícia alguma.

Uma tarde, o Cavalo-Marinho estava conversando com o Espadarte, quando viu uma Piabinha do tamanho de um bago de milho, que se atirou à sua frente e começou a pulgar, falando uma coisa qualquer. Mas a voz dela era tão fininha e tão fraquinha que o Cavalo-Marinho precisou colocá-la dentro do ouvido para saber o que ela queria dizer.

Ela estava quase morta de frio e contou que nadara ali lá pelos lados do Polo Norte e que vira a Seréia amarrada a um casco de navio afundado, onde morava um Polvo muito grande e malvado.

O Espadarte, no mesmo instante, afiou o seu bico numa pedra e foi a toda veloci-

dade para lá e para cá do pelo Cavalo-Marinho.

Chegaram na hora... A pobre Seréia gritava, amarrada ao casco do navio, enquanto o Polvo se preparava para envolvê-la com seus tentáculos! O Espadarte fez pontaria e... zás! Furou o coração do Polvo com seu bico pontudo. O monstro morreu logo.

A Seréia estava tão fraca que nem podia falar, mas o Cavalo-Marinho e o Espadarte carregaram-na para uma gruta onde ela descansou, bebeu leite de baleia e ficou forte outra vez.

Então eles foram espionar o navio afundado onde o Polvo morava e encontraram uma porção de jóias e pedras preciosas que o monstro havia roubado, e que eles levaram para construir um asilo de peixes pobres.

Desta vez, a Seréia e o Cavalo-Marinho casaram de verdade.

Houve um festão como nunca ninguém viu igual. Havia peixes de todos os tamanhos, de todas as cores e de todos os feitios. A Seréia estava tão bonita vestida de noiva, que um Bacalhau, ao vê-la, desmaiou e uma Garoupa ficou sem fala... Dançaram tanto que no dia seguinte estavam todos de cama sem se poder mexer...

— Aquilo é que foi festa, diziam todos.

O Cavalo-Marinho e a Seréia, como eram muito bons, tomaram a Piabinha, que era órfã, para criar como filha. Trataram muito bem dela, que engordou e cresceu um pouco, mas continuou a falar sempre tão fininho e tão fraquinho que eles precisavam colocá-la dentro do ouvido para entender o que ela queria dizer.

GELÉIAS LOUISE ALDERSON

As melhores geléias, feitas de frutas frescas



Rico alimento para as crianças — Saboroso e nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.º ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92

Telefone: 38-3030 — Rio

MODELOS DE PRIMAVERA



Cinco modelos para horas diferentes. A França continua afirmando que estamos numa época de tecidos fartos, com grandes pregas, drapeados e movimentos mais em forma. Vejamos um por um: 1 — Vestido branco, seda "mousseal" para a tarde, nas "conferências, nos chás ou nas visitas — em dias claros e brilhantes; 2 — Costume em faille para as compras em dia sombrio e de temperatura amena; ornado com plissés e o casaco em forma de sino; 3 — Vestido rosa, crepe romano, drapeado e enfeitado com um babado raso compondo o ma pedindo seda com bom caimento; 4 — Vestido de passeio, dominiqueiro. Feitio em drapeada



O PENTEADO

Minha amiga:
Não tenha dúvidas de que o penteado é fundamental para a beleza feminina. E' como se fosse a sua moldura — valendo o mesmo que numa moldura num quadro.

Estamos certos de que cada tipo pede um penteado. Como encontrar o modelo que convem? Sim, é a experiência que pode nos ensinar melhor. Um espelho, numa penteadeira com os grampos, as travessas e os pentes necessários. E, principalmente o senso da beleza — o bom gosto, como se costuma chamar.

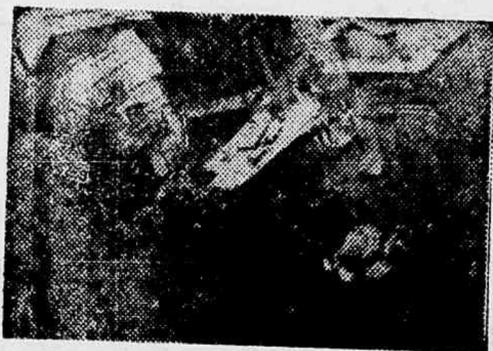
Cabelos para cima, cofres "aureoland" o alto da cabeça, cabelos soltos lembrando os pajens, lisos ou ondulados, com grampos ou alteados com enchimento. Dourado ou negro, curto ou comprido, muito cuidado, muito penteado ou solto ao acaso, o noventa por cento de seu encanto depende da sua arte de peteado.

O nosso flagrante mostra três jovens com peteados artísticos. Um esforço, leitora amiga, até encontrar o modelo que lhe vai bem.



Um lindo sorriso de menina exibindo um casaco em tricot com bordados nos bolsos, util na estação de dias frescos

A SITUAÇÃO DOS MORADORES DO MORRO ORRELY



Em casebres de latas e pedaços de taboas, de cobertura sustentada por pedras para o vento não descobriu, moram nossos irmãos, sem nenhum amparo social, cansados da peleja diária, subindo e descendo os morros, sem escolas, sem creches, sem nada.

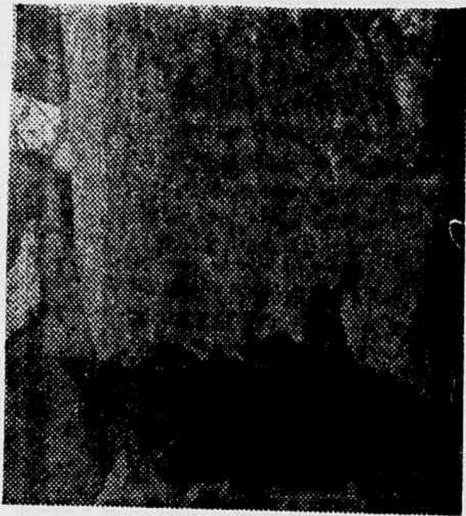
Quando faz sol, a vida dos morros põe a descoberto a sua miséria e, pela desigualdade panorâmica, há quem chegue até lá em cima, para gosar a beleza do alto de certos aspectos topográficos desta cidade maravilhosa.

Quando chove, entretanto, urge que saiamos do comodismo de nossas casas, para vivermos a tormenta dos moradores dos morros, metidos em seus casebres, agachados no seu sofrimento, pensando nas suas desgraças.

Foi porisso que subimos domingo, de baixo daquele tremendo temporal, onde a chuva e o vento cortante se casavam no cinzento daquela manhã, ao morro do Orrely, no prolongamento da rua Leopoldo.

Com sacrifício imenso venciamos a lage escorregadiça, caindo aqui e ali, sentindo os pés em peças d'água, entrando naquêles casebres cobertos de zinco, sem água, sem luz, sem fossa, sem nada.

Compreendemos, então, mais do que nunca a angústia daqueles moradores, que vivem a pedir o olhar dos poderes públicos



Esta pedra gigante já afastou mais de 1 metro pela força de erosão, constituindo grave ameaça à população. Apesar do apêlo dos moradores, nenhuma providência foi tomada.

Àqueles recantos e que recebem em resposta um certo indiferentismo.

Milhares de crianças povoam Orrely.

Não têm escola. A grande maioria vai ficando sem saber ler, pois o grupo escolar mais próximo e único existente fica à rua Barão de Mesquita, cujo trajeto é muito perigoso para as crianças, em virtude do cruzamento dos bondes e ônibus.

Há alguns meses acrescia o perigo das monstruosas pedras que começavam a rolar lá de cima, pela ação da erosão e só a muito custo foi feita uma sapata organizada para proteger os blocos de pedra em desagregação.

Entretanto, outros perigos subsistem. Assim é que, uma enorme vala, receptora de todos os detritos vindos do alto do morro,



Está é a única bica de água — um pedaço de cano velho — do morro, onde as latas ficam horas e horas enfileiradas.

constitui a maior preocupação dos moradores. É uma vala que percorre por entre os casebres, exalando odor fétido, insuportável, principalmente no verão. A limpeza dessa vala só é feita pelas cruvas.

O morro é escuro e seco. Os moradores clamam por essas providências e até agora, nada.

A ambulância não quer subir para atender os casos urgentes e não há posto médico ali, donde se conclui das dificuldades daquela gente, quando sofre qualquer acidente.

Há casas, como as da vila do sr. Francisco Pedrosa, que não vêem água há quatro anos, apesar de pagarem a taxa exigida. Servem-se de água da chuva ou apanham do carro que distribui 1 vez por semana, no fim da rua Leopoldo. E aí, então, é esse espetáculo doloroso, de senhoras gestantes e crianças maltrapilhas, correndo para conseguirem lugar na fila das latas, subindo e descendo o morro acidentado, indo e vindo com os seus vasilhames.

Esta, infelizmente, a situação dos moradores do morro de Orrely, cujas providências por parte das autoridades municipais estão a exigir.

Nada mais justo do que lhes proporcionar uma vida sadia, confortável, com água, luz, escola, posto médico, casas higinicas, etc.

Essas providências podem ser conquistadas em grande parte pela força unida e organizada dos moradores.

Exijam, pois, melhores condições às autoridades, que têm o dever de zelar pela vida da população carioca.



A TAREFA DA PROFESSORA PRIMÁRIA EM FACE DA REALIDADE BRASILEIRA

Maria Amélia

Uma das primeiras profissões, permitidas à mulher, fora do lar, vencendo os preconceitos é os tabús da civilização medieval, foi, indiscutivelmente, o nobre mister de professora.

Assim, como num prolongamento dos afazeres domésticos e de educação exclusiva dos filhos, dedicou-se a mulher à educação de outras crianças, concorrendo, sobretudo, para o progresso da sociedade.

O que era, antes, atribuição exclusiva do mestre-escola, foi pouco a pouco, transferindo-se para as mãos da mulher, e hoje, a quase totalidade de professores primários é constituída por elementos do sexo feminino.

Em todos os setores de trabalho em que há contribuição da mulher — quer nas fábricas, nos escritórios, no comércio, no serviço público, no jornalismo, no campo, nas profissões liberais, nas artes, na ciência, etc. — têm aquela se mostrado eficiente e perfeitamente capaz, desempenhando-se cabalmente de suas funções, a despeito de sua estrutura orgânica, evidentemente mais débil que a do homem, em virtude das condições de vida civilizada que contrariam, muitas vezes, a própria natureza biológica.

Entretanto, é na humilde, porém grandiosa tarefa de professora, que se manifesta mais nitidamente a atuação decisiva e benéfica da mulher.

Como professora, ela pode exercer influência mais direta e imediata sobre a sociedade, pois sua ação se faz sentir moral e intelectualmente sobre as gerações infantis — matéria prima de todo agrupamento humano. Seus instintos de maternidade e proteção, sua fina sensibilidade, sua intuição espontânea que lhe permitem devassar os recessos da alma infantil, transferem-se para sua missão de professora, e ela vê nos alunos outros tantos filhos que a encham de cuidados e preocupações.

Nossas escolas primárias são uma fotografia fiel, em miniatura, do povo brasileiro. Em seus bancos sentam-se crianças de todas as camadas sociais: ricas e pobres, pretas, brancas, cabóclas, mestiças, judias, estrangeiras, doentes e saudas, normais e anormais, inteligentes e débeis mentais, católicas, protestantes, espíritas, as que residem em palacetes e as que moram em bar-

racos de lata, tímidas e perversas, crianças verdadeiramente infantis e aquelas que atingiram uma maturidade precoce por circunstâncias várias.

Nesse caleidoscópio, move-se a professora, como um élo poderoso, eliminando divergências, destruindo diferenças individuais, aparando as contradições, polindo as arestas, uniformizando o todo, no sentido do máximo aproveitamento de cada um, capitalizando, enfim, aquelas pequenas personalidades para o patrimônio comum da sociedade brasileira.

Através da ação e da palavra diárias da professora, deve a criança sentir a negação dos preconceitos de raça, de cor ou de condição social, superestimando, apenas, o verdadeiro valor que emerge do esforço individual, do trabalho aplicado, do amor ao estudo, da solidariedade humana, da honestidade e da disciplina consciente.

Em éras remotas, o trabalho do professor primário consistia tão somente na alfabetização da criança. Hoje, não se compreenderia que isto bastasse. Instruir e educar são noções que se entrelaçam e se confundem. Instruir e educar, dentro da realidade concreta, no tempo e no espaço, constituem a verdadeira síntese do progresso e da civilização. Admiravelmente expressa naquela assertiva de John Dewey — educação é vida.

Assim, a professora primária vê-se a braços com uma tarefa grandiosa: Educar a infância brasileira, ministrar-lhe os conhecimentos básicos da cultura, orientá-la, dentro dos preceitos da vida sã, torná-la enfim, apta a participar da vida coletiva, para a colimação do ideal de progresso, paz e felicidade — latente no íntimo de todos os povos.

WILSON LOPES DOS SANTOS

ADVOGADO

R. Senador Dantas, 35-2.
De 9 às 11 e de 15,30 às 17 horas — Tel. 42-1528

Colégio Franklin Delano Roosevelt

FUNDADO EM 1928

INSPEÇÃO PERMANENTE — EDIFÍCIO APROPRIADO

Externato — Semi-Internato — Primário — Admissão — Ginásial
Colegial — Clássico e Científico

DIURNO E NOTURNO

DIRETOR:

Prof. Milton Rivera Manga

Rua Ibituruna, 43-45

TELEFONE 28-6818

OS PERIGOS DE UM SURTO DE TIFO

Dra. Eline Mochel de Matos

O nosso jornal também sofreu com o empastelamento das oficinas de Tribuna Popular, tão estupidamente levado a efeito por provocadores vendidos com a conivência da polícia.

Como outros jornais e revistas ali impressos, tivemos um grande prejuízo de material, como papel, clichés, tipos especiais, etc., também tivemos de imprimir "MOMENTO FEMININO" noutra oficina, pagando muito mais que pagávamos nas oficinas da rua do Lavradio.

Porisso, apelamos para os queridos leitores a fim de nos ajudarem financeiramente, porque não podemos silenciar semanalmente a voz da mulher brasileira, na defesa dos seus magnos problemas.

Necessitamos de pagar as despesas dobradas em virtude das atuais circunstâncias e contamos com a contribuição especial de todos os nossos leitores.

Organizem-se os grupos de amigos, as festas, os chás em benefício de "MOMENTO FEMININO" porque de maneira alguma deixará de circular o jornal das mulheres que só poderá subsistir com a ajuda de todos.

Em muito boa hora o Departamento de Saúde Pública, em nota pela Imprensa adverte o povo da necessidade de fazer uma vacinação geral contra o tifo. Diz a nota que as vacinas poderão ser adquiridas nos Postos de Saúde Pública.

É de fato, uma medida acertada em face de um novo surto da doença que quase anualmente ceifa tão preciosas vidas; louvando a idéia do Serviço de Saúde Pública desejamos apresentar algumas sugestões que a nosso ver viria não só beneficiar o povo como também fazê-lo compreender o perigo da infecção tífica.

1.º) O Departamento de Saúde Pública poderia tirar um impresso para farta distribuição sobre os perigos do tifo, as fontes de origem e os meios de prevenir-se contra a infecção.

2.º) Esse impresso poderia ser distribuído através dos Postos de Saúde Pública, Hospitais, Maternidades, Escolas, Repartições Públicas, Quartéis, Fábricas, enfim em todos os lugares em que haja grande concentração de pessoas.

3.º) Nem todos os subúrbios como quase nenhum Morro ou Favela tem posto de Saúde, e são justamente os lugares em que as condições de higiene são as piores possíveis. Nestes lugares a Saúde Pública poderia fazer comandos de médicos e enfermeiros para fazer a vacinação em domicílio. Isto seria uma grande ajuda para a população desses morros e favelas, principalmente as donas de casa, que, presas aos seus afazeres domésticos quase não dispõem de tempo para ir a um Poto de Saúde.

4.º) A Saúde Pública poderia fornecer vacinas as Organizações Femininas como também a outras organizações de bairros ou subúrbios, com o fim de atender o povo do local. Essas Organizações teriam médicos ou enfermeiros capazes de fazer o serviço de vacinação.

Estas medidas práticas e, naturalmente, de emergência, viriam contribuir para levar ao povo uma assistência mais eficiente.

As nossas leitoras deixamos aqui alguns esclarecimentos sobre medidas profiláticas contra o tifo, certos de que essas medidas serão bem compreendidas, diante do perigo que ora nos ameaça de mais um surto da terrível infecção.

Fontes onde são encontrados os germens.

AGUA

A água de consumo público pode estar contaminada, principalmente nas zonas onde não há canalização, onde o

povo retira, diretamente, a água, dos poços fontes e cimbais. A contaminação é feita pela infiltração vinda de lugares onde não há instalações sanitárias e as fezes, urina, vomitos dos doentes são jogados no chão, diretamente, nos quintais ou fossas abertas. Portanto a medida é esterilizar a água, Ferver ou filtros. Nunca tomar água apanhada de uma fonte suspeita sem atender à esses requisitos.

LEITE E LEGUMES CRUS

São também fontes do germem. Na maioria dos casos os legumes são apanhados por pessoas cujas mãos podem estar contaminadas. Costuma-se dizer que o tifo é uma "doença das mãos sujas".

Os legumes e o leite devem ser bem fervidos.

AS MOSCAS

Sabemos que as moscas pousam em todas as sujeiras que por aí existem, inclusive nas dejeções contaminadas pelo tifo. Carregam, portanto, nas patas e nas azas os germens que existem sempre nesses lugares. As moscas depositam esses germens nos alimentos. Facilmente podemos compreender os perigos que possam advir, no caso do tifo.

O DOENTE

A presença de um doente em casa ou nas imediações é motivo para grandes cuidados. As pessoas que lidam com os mesmos estão sujeitas a se contaminarem e levarem o germem a terceiros, principalmente se lidam com alimentos. As roupas do doente, as fezes, urina, tosse ou espirros, são altamente contaminantes. Todo cuidado com as mãos é pouco. Desinfetá-las a todo instante.

Além dessas medidas preventivas indicamos a vacinação como a mais importante.

Poderá ser feita por via oral, tem, geralmente, a duração de 6 meses e é mais usada para as crianças. A injetável achamos mais positiva. Há vários tipos de vacina. Uma feita para 2 doses outras para três. Todas são boas. Muitas pessoas sentem alguma reação, porém, é coisa ligeira, pode ser uma febre pequena com moleza geral, dor de cabeça. As vezes a reação é puramente no local da injeção.

Aconselhamos todos os nossos leitores vacinarem-se contra o tifo, agora, justamente, na fase da advertência da Saúde Pública. Ela deve ter sérias razões para assim proceder

DR. URANDOLO FONSECA

CIRURGIA GERAL

Consultas diárias das 15 às 17 horas — Tel. 25-4242

CASA DE SAÚDE SANTA MARIA

LARANJEIRAS, 72

COZINHA

PRATO LIGEIRO — Para os momentos difíceis em que precisamos apresentar em nossa mesa, à última hora, mais um pratinho, aproveitemos a seguinte receita, tão rápida quanto saborosa:

Cortem-se algumas fatias de pão de forma, descascado, dando-se feição triangular ou quadrado e humedecendo-se ligeiramente com leite. Ponha-se, em seguida, uma fatia de queijo prato ou outro qualquer em cada triângulo ou quadrado de pão, e por cima do queijo um pouquinho de peixe, carne, salsicha ou frios passados na máquina. Em cima uma rodela de tomate e queijo parmeizão ralado.

Leve-se ao forno durante 10 minutos e sirva quente, enfeitando-se o prato com folhas de alface.

CROQUETES DE PEIXE — Ingredientes: 1/2 quilo de batatas, 2 colheres (de sopa) de queijo ralado, 2 colheres de farinha de trigo, 2 ovos, 1 colher de manteiga, 2 colheres de azeite, 1 xícara de peixe frito passado na máquina e sal.

Maneira de fazer: misture-se tudo muito bem fazendo os croquetes do tamanho e feição que preferir. Em seguida passa-se na farinha de rósca e ovo batido para fritar na banha ou azeite.

CREME DE AMEIXAS — Ingredientes: 350 grs. de açúcar, 250 grs. de ameixas, 6 gemas e 6 claras batidas em neve.

Maneira de fazer: Com o açúcar faça-se uma calda em ponto de pasta fina. Junte-se as ameixas sem os caroços, cozinhando bem e mexendo de vez em quando. Retire-se do fogo e deixe-se esfriar um pouco, juntando então as gemas e as claras em neve. Leve-se novamente ao fogo mexendo sempre até aparecer o fundo da panela. Sirva-se em taças que podem ser cobertas com creme de leite (creme chantilly) e nozes moídas.

LIÇÃO DE COSTURA JULIENNE



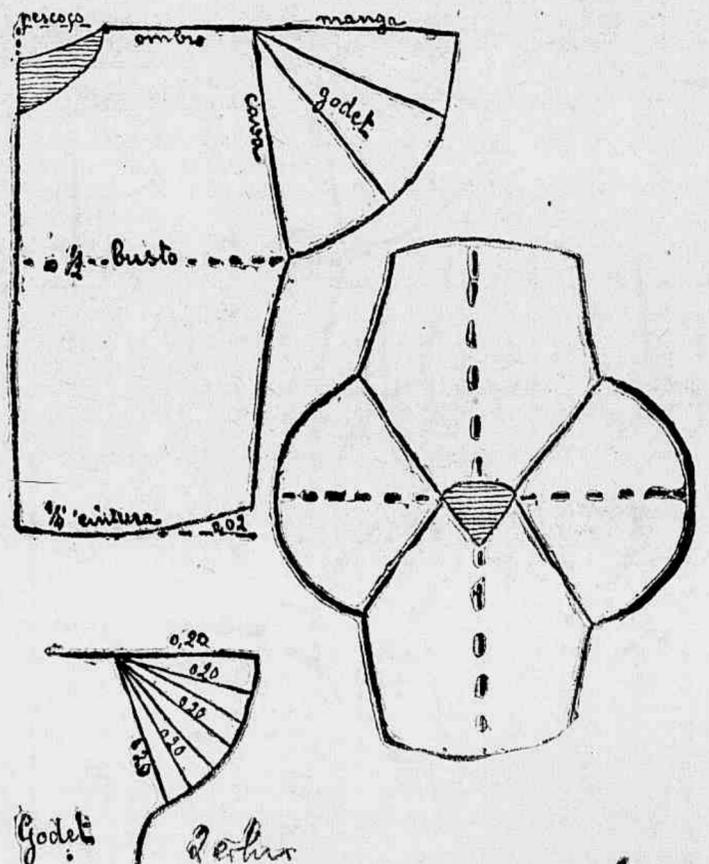
BLUSA MANGA GODET

Marca-se o comprimento da blusa e dobra-se a fazenda sobre o comprimento e outra vez sobre a largura. Sobre a largura, no alto, marca-se o pescoço, o ombro, a manga que será curta, e

a cava. Em baixo da cava marca-se metade do busto; dobra-se enviezado a fazenda do fim do ombro até o limite do busto e faz-se um godet, em baixo da blusa marca-se 1/4 da cintura e recorte 0,02 na ponta

GODET

O godet se faz depois de dobrar a fazenda, botando o centímetro na ponta da fita; com a direita faz-se escorregar a fita arredondando sempre com as mesmas medidas.



Suzanna Martins Britto

CIRURGIA-DENTISTA

Consultório:

RUA PEDRO I - N.º 23

Fone: 22-5380

Atividades Femininas

ASSOCIAÇÃO FEMININA DE AREINHA

Inaugurou-se dia 29 de outubro, às 20 horas, a Associação Feminina de Areinha. Com grande assistência, foi aberta a sessão e empossada a diretoria formada pelas seguintes senhoras: Presidente — Joana Soares, Vice-presidente — Enedina Maria Correia, Secretária — Maria Rita, e Tesoureira — Maria Lucia Bessa. A Associação Feminina de Areinha, terá a sua sede no barracão 774 e suas reuniões serão realizadas aos sábados, à tarde. No momento a referida associação está se movimentando no sentido de que não sejam demolidos os barracos da população de Areinha, a fim de que não fiquem sem lar centenas de famílias. Estão organizando um posto médico para atender às crianças de Areinha.

UNIÃO FEMININA DA GÁVEA

Em sua sede social à Av. Atulfo de Paiva, 355-B, a União Feminina da Gávea mantém um curso de corte e costura, que funciona todas as terça-feiras, às 8 horas da noite. Além disso a União está fazendo ampla distribuição de banha, de tecido popular e está organizando uma grande festa de natal, para as crianças de seu bairro. Todas as quinta-feiras, às 8 horas, reúne-se a União Feminina da Gávea, com todas as suas associadas.

UNIÃO FEMININA DO FLAMENGO, GLÓRIA E CATETE

Esta União, está de parabéns... conseguiu o seu registro como Associação Civil e funciona com grande atividade. No momento, a União está organizando uma Cooperativa de Consumo, movimento este que tem despertado o maior interesse nos seus bairros. A União Feminina do Flamengo, Glória e Catete, tem distribuído amplamente tecido popular, e mantém um curso de flores artificiais que já preparou profissionalmente grande número de associadas. Todas as terça-feiras, às 20 horas, reúnem-se na rua Marquis de Abrantes, 144.

UNIÃO FEMININA DE MADUREIRA

Incentivando a alfabetização de adultos, a União Feminina de Madureira mantém, em sua sede social, na Estrada Marechal Rangel, 870, um curso de alfabetização, em franco progresso.



Além disso, funciona normalmente um curso de corte e costura, pintura e acabam de organizar uma pequena biblioteca. Foi organizado também um posto médico, e estão fazendo distribuição de banha e tecidos populares. Suas associadas reúnem-se todas as segunda-feiras, em sua sede, às 8 horas da noite.

UNIÃO FEMININA DE CAXIAS

Inaugurada no domingo, dia 26 de outubro, com um cocktail oferecido às moradoras do seu bairro, com a presença de vereadoras e outras personalidades, a União Feminina de Caxias, iniciou as suas atividades. A sua diretoria foi assim constituída: Presidente — Lanier Leal, secretária — Dulce Sales e Tesoureira — Lucia Dias Alves. Desde já a União está organizando um curso de alfabetização, de corte e costura e pretende fundar um posto médico. Provisoriamente, está se reunindo à rua 19 de Março, 280, aos domingos, de 4 horas em diante.

UNIÃO FEMININA DE LARANJEIRAS

Esta União, embora nova, tem desenvolvido grandes esforços no sentido de conseguir uma sede o que dentro de poucos dias será resolvido. Por enquanto, estão distribuindo tecido popular, lutando pelo registro de seus estatutos. Suas reuniões, provisoriamente, até a inauguração de sua nova sede, estão sendo feitas no Instituto Carlos Chagas, às quinta-feiras, às 8 e meia.

SÃO PAULO

De acordo com as informações da dra. Maria Augusta Tibiriçá, as mulheres paulistanas estão em grande atividade. Soubemos assim que, em Sorocaba, existe uma grande organização, a "União das Mulheres Democráticas" que vem desenvolvendo grande atividade e que possui núcleos nos diversos bairros, daquela ci-

dade com grande número de associadas.

Em Santos, a "Sociedade Cívica Feminina" também possui grande número de associadas e vem desenvolvendo os seus trabalhos com grande atividade e energia.

ASSOCIAÇÃO CÍVICA POPULAR DE SANTO CRISTO

O Departamento Feminino desta Associação, está fazendo distribuição de tecidos populares das 2 às 5 horas, às quintas e sábados. Foi instalado também, um curso de alfabetização, que funciona a rua da América, n.º 211, e aceita matrículas a qualquer hora do dia. As aulas serão dadas de 8 às 10 da noite, às terças, quartas e sextas-feiras.

COMITÉ DE MULHERES PRÓ DEMOCRACIA

As associadas do Comitê estão animadíssimas com a organização da "Festa da Moreninha" que se realizará na Casa do Estudante, dia 8 do corrente mês. Esta festa, que sem dúvida algu-

ma, será uma das melhores, apresentará entre outras atrações, uma quadrilha do tempo do Império, com os trajes da época. Além disso, o Comitê de Mulheres pró Democracia tem desenvolvido bastante o seu teatro de fantoches que já foi exibido em diversas festas das Uniões. O "Teatro da Mulher", iniciativa também do Comitê está no momento arregimentando maior número de interessadas e muitas das moças que ali começaram a desenvolver a sua vocação já são hoje, artistas profissionais.

UNIÃO FEMININA DE MARECHAL HERMES

Esta União está no momento desenvolvendo grandes esforços no sentido de registrar os seus estatutos, o que espera conseguir dentro em breve. Pretendem ainda, dentro de poucos dias, inaugurar uma escola em seu bairro. Todas as segunda-feiras, às 8 horas da noite a União de Marechal Hermes, se reúne, à rua Banaboi, 110.

UNIÃO FEMININA DO MORRO DO PINTO

Mantém um curso de corte e costura das 10 às 12 horas, as segunda, quarta e sexta-feiras e está distribuindo tecido popular entre as interessadas. A União do Morro do Pinto, reúne-se às quinta-feiras, das 2 às 4 horas, em sua sede à rua do Pinto, 99.

UNIÃO FEMININA DE BOTAFOGO

Temos o prazer de agradecer a União Fem. de Botafogo, que pretende promover uma campanha de propaganda com o fim de fazer despertar todo o interesse das mulheres daquele bairro pelo nosso jornal.

Aproveitando esta oportunidade, queremos nos congratular com essa prestigiada União Feminina pelos brilhantes trabalhos realizados e em curso, tais como a comemoração recente do dia das Crianças do morro de São Clemente, as aulas noturnas de alfabetização, às segunda e sexta-feiras em sua sede, à rua Marquês de Abrantes, 144 e o curso de flores para suas associadas.

UNIÃO FEMININA DE MARIA DA GRAÇA E HIGIENOPOLIS

Esta União, assim como as outras organizações femininas, também possui um curso de corte e costura, alfabetização e está fazendo uma ampla distribuição de banha e tecido popular. As suas associadas se reúnem às segunda-feiras, de 2 às 4, à rua José Roberto, 27.

GRAFOLOGIA

GILDA

YARA — Sua letra é a de uma criatura arrojada, independente e audaciosa. Às vezes chega a ser malcriada, mas tem bastante habilidade para contornar os efeitos desagradáveis dessas explosões. É egoísta e vaidosa. Muito preocupada mentalmente, sempre procurando subir, subir, subir... Não é muito meticulosa, nas suas atividades. Realiza alguma coisa, sempre dinamicamente, sem grandes esmeros para os detalhes. Afetividade controlada pelo raciocínio. Sensualismo e ciúme. Acredita evidentemente no seu prestígio pessoal e não admite confrontos nem competições. Sua liberdade, todavia, ninguém a tirará...

SIMONE — Você é realmente energética, capaz de lutar com denodo pela vida ou pelos ideais que abraçar. Concepção utilitária da vida, grandes preocupações absorventes, sutileza e poder de argumentação. Senso estético. Irregularidade sistemática em todas as atividades a que se entrega. Responsabilidade. Sentimentalismo recalcado. Energia. Vibratibilidade. Lealdade. Grande coração submisso ao raciocínio.

REGINA — Você é muito amável. E não posso deixar de lhe agradecer as palavras de encorajamento que dirige a O MOMENTO FEMININO. Realmente, o nosso jornal merece caminhar sempre. E há de encaminhar. Ajude-nos com sua simpatia e seu apoio moral e financeiro. As dificuldades a superar são inumeráveis. Sua letra foi estudada cuidadosamente. Sempre às suas ordens.

CELESTE AIDA — Volte, escrevendo em papel sem pauta e assinando o seu nome verdadeiro. Assim não é possível. Sua pergunta é natural. Não precisa desculpar-se. Nosso jornal é de fato um

Jornal para o lar é para a mulher. Veja as receitas culinárias. Os conselhos de beleza, de puericultura e as lições de raciocínio político dos brilhantes artigos de Araceli, a bela literatura de Lia Corrêa Dutra, tão construtiva. E continue a nos honrar com sua crítica.

ENEDINA — WALKIRIA — FLOR DE LYS — MANON — NORMA — LUCIA — Extraviadas as cartas, independentemente de nossa vontade. Renovem suas consultas. Se não confiam no Correio tragam à redação, diretamente. As reclamações têm sido numerosas ultimamente.

A LETRA REVELA A PESSOA!

Peço um retrato grafológico

Nome

Pseudônimo

Inclusa uma página manuscrita em papel com pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

Hotel Granja Itatiaia

780 metros da alt. — Clima ótimo para repouso e week-end — Passeios aprazíveis, escalada às "Aguilhas Negras", 2.790 mts. de altitude

Informações:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32 — 2.º AND

TELEFONE: 23-4295

ADOLESCENTES



Dorian de Figueiredo

Mais do que ninguém os diretores de ginásios precisam estar atentos ao movimento de suas escolas. Desde o instante em que assumem o comando de um educandário têm que se desincumbir de sua importante missão observando meticulosamente tudo quanto se refere à educação dos pupilos.

Os professores serão os colaboradores pelos exemplos dignos que devem oferecer às crianças.

O mestre não tem por função apenas ministrar conhecimentos, mas orientar os alunos a discernir entre o bom e o mau.

Os inspetores escolares mais do que os professores,

pelo maior espaço de tempo que passam junto dos moços devem ser os melhores companheiros de cada um. Eles é que têm mais oportunidade de conhecer os educandos. Dêsse modo devem ser eles elementos de escol para guiar os estudantes. Sua missão real não é a que vemos habitualmente de carrascos disciplinadores ou "amigos" do peito que facilitam escapulidas da aula etc.

Não têm culpa os chefes de disciplina de exercer o ofício pela falta de preparo com que são, aceitos nos cargos, mas já é tempo de se pensar no assunto e fazer escolas especiais para os que

pretendam se dedicar a carreira de inspetores escolares, quiçá no futuro educadores.

Em nenhuma época da vida o homem necessita mais de amparo do que na adolescência, no entanto é nessa fase que os jovens na maioria das vezes ficam mais abandonados.

Até os 12 anos a família os tem mais apegados ao lar, mas ao se iniciar a transição de idade, meninos e meninas passam mais horas fora de casa distante dos pais. Ai então recebem as influências mais diversas.

As escolas secundárias cabe grande responsabilidade na formação dos nossos homens de amanhã. Não ha seleção nessa coletividade. Todos são iguallados pelos uniformes e encaminhados sob as mesmas diretrizes no mesmo padrão educacional.

Assim, nossos colégios é que devem realizar a tarefa magna de elevar o nível moral e intelectual da nossa juventude.

FESTAS



GINÁSTICA

O exercício físico é indispensável à saúde. Ativa a circulação do sangue e a renovação do ar contido nos pulmões. Faz aumentar a transpiração e a eliminação, pelo suor, de resíduos formados no organismo.

Faça todos os dias um pouco de ginástica ou dê um passeio a pé, andando vigorosamente. Em seguida, tome o banho frio habitual.

Eline Mochel de Matos nossa colaboradora e nossa amiga fez anos dia 28 de outubro passado. Médica e lutadora Eline é incansável

nos seus trabalhos de clínicas às mulheres e as suas colegas sabem que nela tem a melhor das amigas, a mais desvelada das assistentes. Sabem também as mulheres o quanto Eline trabalha e luta pelas reivindicações femininas e pelo bem estar do povo em geral. Por tudo isso Eline merece o nosso abraço orgulhosas que somos em tê-la ao nosso lado em nosso jornal

LABORATÓRIO DE ANÁLISES E PESQUISAS CLÍNICAS

RUA SANTA LUZIA, 305 - 10.º and. - salas 1013/1014

Exames de urina, Pús, Fêzes, Escarro, Liqueur — Diagnóstico de gravidez — Vaginas — Diagnóstico sorológico da sífilis, cutireações — Tubagem Duodenal — Lavados Traqueo-brônquios

DR. EVALDO DE OLIVEIRA

ACADM. EVANDRO DE OLIVEIRA - GUSWEN REGIS BRAZ
Tec. OCTACILIO F. DE MELLO
Das 9 às 11 e das 14 às 18 horas

CLÍNICA DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG

2as., 4as. e 6as.-feiras — Das 15 às 18 horas

Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID

3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas

EDIFÍCIO DARKE — Sala 1.825 — 32-7709

AV. 13 DE MAIO — N.º 23 — 18.º andar

sei porque renunciaste a ela. Vai dançar um pouco, vai; ficarei contente pensando que estás te divertindo, e esperarei por ti com mais paciência.

— Ora! Tens paciência demais! — exclamou Landry num tom que não revelava paciência alguma — mas eu preferia mandar cortar minhas duas pernas do que dançar com moços de quem não gosto e que não beijaria por dinheiro algum.

— Pois bem! Se eu dançasse — continuou Fadette — teria de dançar com outros rapazes além de ti, e deixar que eles me beijassem. — Vai-te embora, vai-te embora bem depressa! — disse Landry — Não quero que ninguém te beije!

Sylvinet não ouviu nada mais, além de pessoas que se afastavam, e, para não ser surpreendido pelo irmão, que vinha em sua direção, entrou apressadamente no cemitério e o deixou passar.

Essa descoberta foi como uma facada para o coração de Sylvinet. Não tentou descobrir quem era a rapariga que Landry amava tão apaixonadamente. Bastava-lhe saber que havia uma pessoa por quem Landry o abandonava e a quem dava todos os pensamentos, ao ponto de escondê-los ao próprio gêmeo, que já não lhe recebia as confidências.

"É evidente que ele não confia em mim e que essa moça de quem ele tanto gosta faz com que ele me tema e me deteste. Já não me espanto de ver que está sempre tão aborrecido em casa e tão inquieto quando quero passear com ele. Eu renunciava a esses passeios, julgando que ele gostasse de estar sózinho; mas, agora, farei todo o possível para não perturbá-lo. Nada lhe direi; ele ficará zangado por ter surpreendido aquilo que não que me confiar. Sofrerei sózinho, portanto, enquanto ele se alegrará de estar livre de mim".

Sylvinet fez como prometia, e levou mesmo a coisa mais longe do que era necessário, porque não se limitou em não tentar reter mais o irmão a seu lado, mas, para não o embarçar, era o primeiro a sair de casa e ia divagar solitário na granja, não querendo ir para o campo: "Porque — pensava ele — se eu viesse a encontrar Landry, ele imaginaria que o estou vigiando e me faria ver que minha presença o atrapalha".

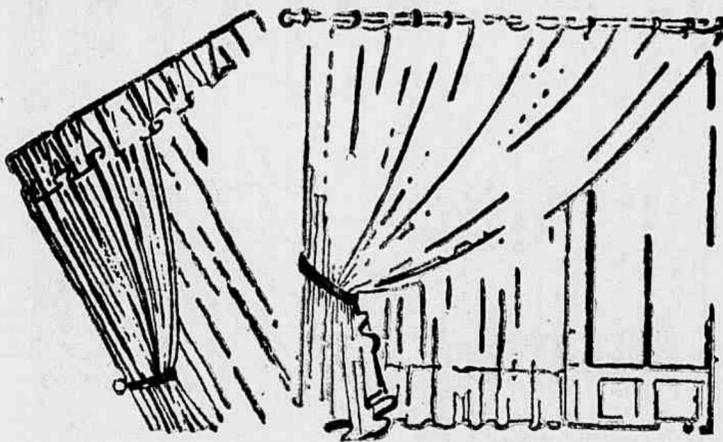
E, pouco a pouco, seu desgosto antigo, de que quase se curara, voltou-lhe tão pesado e tão telmoso, que não tardaram a vê-lo estam pado em sua fisionomia. A mãe repreendeu-o meigamente; mas, como se envergonhava de, aos dezoito anos, ter as mesmas fraquezas de espírito que tivera aos quinze, Sylvinet não quis confessar o que a afligia.

E foi isso o que o salvou da doença, pois Deus não abandona senão aqueles que se abandonam a si mesmos. Quem tem a coragem de dominar suas penas é mais forte contra elas do que aquele que delas se queixa. O pobre gêmeo tomou o hábito de andar sempre triste e pálido. Teve, de vez em quando, alguns acessos de febre, e, embora continuasse a crescer um pouco ficou franzino e delicado. Não tinha

Enquanto passeava e conversava com ela, ia aprendendo a propriedade das ervas e tôdas as receitas para a cura das pessoas e dos bichos. Em breve, tentou a aplicação dessas últimas numa vaca do pai Caillaud, que tinha apanhado uma inchação por ter comido capim demais. Como o veterinário a abandonara, dando-lhe uma hora de vida, Landry lhe fez tomar uma beberagem que a pequena Fadette lhe ensinara a preparar. Agiu em segredo; e, pela manhã, quando os lavradores, muito contrariados com a perda de tão belo animal, foram buscá-la para atirá-la num buraco, encontraram a vaca de pé, e começando a cheirar a comida, com olhos limpos e quase completamente desinchada. De outra vez, um pôtro foi mordido por uma vibora, e Landry, seguindo ainda os ensinamentos da Fadette, conseguiu salvá-lo sem dificuldade. Pôde também experimentar o remédio contra a raiva num cão da Priche, que ficou curado e não mordeu ninguém. Escondendo de todos suas relações com a pequena Fadette, Landry não se gabou de seus conhecimentos e só atribuiram a cura dos bichos aos grandes cuidados que ele lhes dispensara. Mas o pai Caillaud, que era também entendido no assunto, tal como compete a todo bom fazendeiro ou criador, espantou-se e disse:

— O pai Barbeau não tem talento para tratar do gado, e também não tem sorte. O ano passado, perdeu muitos animais, e essa não era a primeira vez. Mas Landry tem "boa mão" e esse é um dom que nasce com a gente. É coisa que a gente tem ou não tem, e mesmo que se vá estudar nas escolas, como os artistas, isso não adianta nada, se não se recebe esse dom ao nascer. Ora, eu vos digo que Landry é habil, e que descobre sózinho, por ter boa cabeça, o que deve fazer. É um grande dom da natureza que ele recebeu, e que lhe será mais útil do que capital para bem dirigir uma fazenda.

O que o pai Caillaud afirmava não era de um homem crédulo e sem juízo; enganava-se, entretanto, atribuindo a Landry um dom da Natureza; Landry não possuía senão o de ser cuidadoso e aplicado ao administrar as receitas de seu caderno de notas. Mas o dom da Natureza não é uma fábula, pois a pequena Fadette o tinha, e, com tão poucas lições sensatas que a avó lhe dera, descobria e adivinhava, como quem inventa, as virtudes que Deus concedeu a certas plantas e a certa maneiras de empregá-las. Nem por isso era felizicera, e fazia bem de se defender dessa pecha: mas tinha o espírito que observa, que estabelece comparações, que pesquisa e experimenta, e isso é, por certo, um dom da natureza, que não se pode negar. O pai Caillaud levava as coisas um pouco mais longe, pensando que tal vaqueiro ou tal javrador tem a mão boa ou má, e que, pela única virtude de sua presença no estábulo, faz bem ou mal aos animais. E, entretanto, como há sempre um fundo de verdade nas crenças mais falsas, temos de concordar que os bons cuidados, o asseio, o trabalho executado com consciência, tem a virtude de salvar o que a negligência ou a estúpidez das fazem piorar.



O verão vem aí; o nosso verão carioca, tórrido e causticante; mas é o mesmo verão que com as suas cigarras cantando, e o seu luminoso céu azul, nos dá uma sensação deliciosa de viver.

Temos ânsia de nos libertar das roupas pesadas e escuras, e nos envolvermos em tecidos floridos e leves.

Olhamos em volta: o ambiente do lar é o mesmo — e um desejo irresistível nos vem de transformá-lo tornan-

do-o mais garrido e mais alegre.

O meio mais fácil e econômico para conseguir esta mudança, é fazer novas e vaporosas cortinas.

Não caia no erro, minha amiga, de escolher fazenda cara, e então, "para não dar na bolsa", comprar pouco.

E' mil vezes preferível adquirir fazenda barata, mas em grande quantidade é fazer as cortinas bem fartas.

Pode cobrir a sanefa com



um babado da fazenda ou então usar somente um pau rolo e recobri-lo com a fazenda enviezada.

O que fica bem interessante é tirar todo o verniz do pau, encerá-lo e pintar ou recobrir as argolas de cor contrastando com a cortina.

As cortinas podem cair retas ou então serem amarradas; neste caso não as aperte; prenda-as somente com um laço frouxo.

Uma cortina bem colocada, mostra o bom gosto de uma dona de casa. Cuidemos, então do nosso ambiente para torná-lo cada vez mais agradável.

NOSSOS ASSISNANTES

Pedimos aos nossos amigos cujas assinaturas terminarem com o nosso décimo segundo número que renovem os mesmos. Nosso jornal, precisa cada vez mais do apoio de todos, e assim, com este número, lançamos o nosso apelo.

A PRIMEIRA SECRETARIA DE UMA CAMARA LEGISLATIVA

Pela primeira vez uma mulher assume o alto cargo de 1ª secretária de uma Câmara Legislativa.

Trata-se da sra. Carmem dos Santos, vereadora recentemente vitoriosa no pleito eleitoral da cidade de S. João de Merity, do Estado do Rio.

Eleita pela vontade popular, a ilustre professora tão conceituada quanto devotada aos problemas do povo de sua terra, acaba de ser também eleita para o cargo de 1ª secretária da Câmara, onde terá o encargo de supervisionar os trabalhos daquela Casa Legislativa junto à Comissão diretora.

A posição da nobre vereadora na vida política de sua cidade é uma vitória incon-

teste das mulheres organizadas e que dia a dia reafirmam à Nação seu valor, sua energia e seu poder de convicção nas lutas comuns com os homens, pois todos devemos trabalhar para um mesmo fim, isto é, pelo engrandecimento de nossa pátria, tão nossa quanto a garantirmos e a defendermos.

Eis que mais uma vitória feminina se firma numa demonstração de que outras viário, à medida que compreendemos nossa força e nosso valor, quando sabemos nos unir e nos organizar, na defesa de interesses coletivos.

LUIZ WERNECK DE CASTRO ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2
Diariamente, de 12 às 13 e 16
às 19 horas

Exceto aos sábados
— Fone: 23-1064 —

Faça de MOMENTO FE-
MININO o seu jornal.

DR. LINANDRO DIAS

DOENÇAS INTERNAS — TUBERCULOSE
RADIOLOGIA PULMONAR

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18.º and. Sala 1801
Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sábados
Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amoreoso Costa, 91 — Tijuca
Telefone: 38-6837

Landry sempre tivera gosto para essas coisas, e, por isso, a amizade que concebera por Fadette aumentou de toda a gratidão que lhe devia pelo que ela lhe ensinava e de toda a estima em que tinha o talento da moça. Ficou-lhe, então, muito reconhecido de o haver forçado a distrair-se do amor nos passeios e nas conversas que mantinha com ela, e compreendeu, também, que Fadette deva mais importância ao interesse e à utilidade do namorado do que ao prazer de se deixar cortejar e gabar constantemente, como a princípio ele desejara fazer.

Em breve Landry estava tão apaixonado, que calçou aos pés a vergonha de deixar transparecer seu amor por uma menina que tinha a fama de feia, má e mal educada. Se continuava a ter precauções era por causa do irmão gêmeo, cujos ciúmes conhecia e que já fizera tanto esforço para aceitar sem despeito o namoro de Landry com Madelon, namorico muito sem importância e muito tranqüilo ao lado do sentimento que tinha agora pela pequena Fadette.

Mas, se Landry, tão entusiasmado pelo seu amor, estava disposto a pôr de lado a prudência, a pequena Fadette, que tinha gosto pelo mistério, e que, aliás não queria sujeitar Landry às impicâncias e às pilherias dos conhecidos, a pequena Fadette, que, em suma, o amava demais para consentir em lhe causar desgostos no seio de sua família, exigiu dele tão grande segredo que cerca de um ano se passou antes de ser o caso descoberto. Landry habituara Sylvinet a não mais vigiar todos seus passos e atitudes, e a região, pouco povoada e toda cortada de ravina e coberta de árvores, era muito propícia aos amores secretos.

Vendo que Landry não se preocupava mais com Madelon, Sylvinet, embora tivesse, a princípio, aceito essa partilha de sua amizade como um mal necessário, suavizado pela timidez de Landry e pela prudência daquela moça, não tardou a se alegrar com o pensamento de que o irmão já não tinha pressa em lhe arrebatá-lo o coração para dá-lo a uma mulher. Curado desse ciúme, deixou-o mais livre em suas ocupações e em seus passos, nos dias feriados e nos domingos. A Landry não faltavam pretextos para ir de um lado para outro, e, nas tardes de domingo principalmente, deixava a Bessoniére ainda cedo e só voltava para a Priche perto da meia-noite. Isso lhe era muito cômodo, porque conseguira que lhe dessem uma caminha no "cafar-naum". Esse é o nome que, naquela região, dão ao lugar, na granja, próximo aos estábulos, onde guardam os jugos e as correntes, a ferramenta e aos arreios de toda espécie que servem aos animais da lavoura e aos instrumentos do trabalho da terra. Dessa forma, Landry podia entrar em casa à hora que quizesse sem acordar ninguém. Dispunha sempre dos dias de domingo, até a segunda-feira pela manhã, porque o pai Caillaud e o filho mais velho, que eram ambos homens de muito juízo, que não frequentavam botequins nem faziam noitadas em todos os dias feriados, tinham o costume de tomar a seu cargo o cuidado e a direção da fazenda naqueles dias, para que, conforme diziam os jovens da casa, que trabalhavam mais do que eles o resto da

semana, pudessem passear e divertir-se em liberdade, de acordo com os mandamentos de Deus.

Durante o inverno, quando as noites são tão frias que dificilmente se poderia falar de amor ao ar livre, nos campos, Landry e a pequena Fadette encontraram um bom refúgio na torre de Jacot, antigo pombal de aluguel, abandonado pelos pombos há longos anos, bem coberto e bem fechado, dependência das terras do pai Caillaud. Este utilizava-a para guardar as sobras de suas colheitas, Landry possuía a chave da torre, situada nos confins das terras da Priche, próximo à passagem das Roletas, no meio de uma plantação de cereais muito densa; seria preciso que o diabo fosse muito esperto para ir lá surpreender as conversas dos dois jovens namorados. Quando o tempo estava bom, eles passeavam nos bosques de árvores de corte, que cobrem toda aquela região, e constituem ótimo esconderijo para os ladrões e os namorados. Ora, como não há ladrões na região, os namorados aproveitam, sem motivos para temores ou tédio.

XXVII

Mas, como não há segredo que não se descubra, um belo dia de domingo, ao passar pelo muro do cemitério, Sylvinet ouviu a voz do irmão gêmeo, que falava a dois passos dali, atrás da curva feita pelo muro. Landry falava muito baixinho, mas Sylvinet conhecia tão bem sua voz e sua maneira de falar, que teria adivinhado suas palavras, mesmo se não as tivesse escutado.

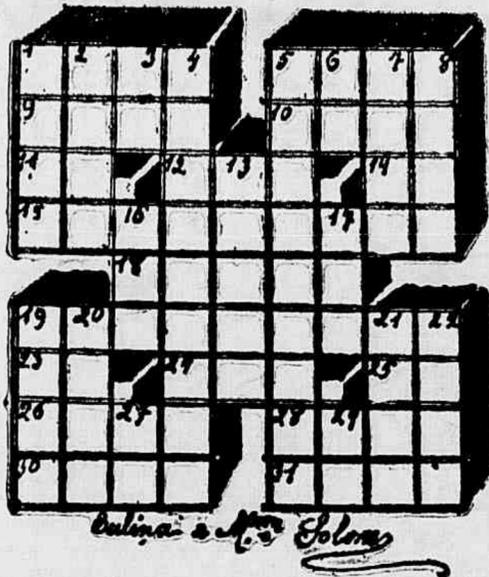
— Porque não queres ir dançar? — perguntava Landry a uma pessoa que Sylvinet não podia ver — Há tanto tempo que não te detens na praça, depois da missa, que ninguém estranharia se eu dançasse contigo, pois imaginam que eu quase não te conheço mais. Ninguém diria que é por amor, mas por delicadeza, e porque eu estou curioso, depois de tanto tempo, de ver se sabes ainda dançar direito.

— Não, Landry não — respondeu uma voz que Sylvinet não identificou, pois não a ouvia há muito tempo, já que a pequena Fadette se mantivera afastada de todo mundo, e dele principalmente — Não — dizia ela — não devo chamar a atenção; é melhor assim. Se dançasses comigo uma vez, haverias de querer dançar novamente todos os domingos, e seria o quanto basta para provocar comentários. Acredita no que eu sempre te disse, Landry: no dia em que souberem que me amas, nossos desgostos começarão. Deixa-me ir embora, e, quando tiveres passado parte do dia com tua família e teu irmão gêmeo, vem ter comigo no lugar que combinamos.

— Mas é triste não dançar nunca mais! disse — Landry — Gostavas tanto da dança, bemzinho, e danças tão bem! Que prazer eu teria em te segurar pela mão e em te fazer rodar nos meus braços, e em te ver, tão leve e engraçadinha, dançando só comigo!

— Pois é justamente o que não deve acontecer — continuou ela — Mas estou vendo que sentes falta da dança, meu bom Landry, e não

PALAVRAS CRUZADAS



HAVES VERTICAIS — 1 Bebedeiras. 2 Querido. 3 Clima. 4 Emendar. 5 Anda sem des-cango. 6 Oferece. 7 Apronta. 8 Jupiter. 13 Agu-çado. 16 Contração de em as. 17 Donativo. 19 Membros das aves. 20 Terreno. 21 Aspera. 22 Escolher. 27 Caminhava. 28 Rei de Basan.

Solução do nº 13

HORIZONTAIS — 1 — Acana; 6 — Hadas; 11 — Cabide; 13 — Peruca; 14 — Abatis; 15 — Rascam; 16 — Rol; 17 — Atreo; 19 — Amo; 20 — Oram; 22 — Ros; 23 — Erupa; 24 — Aratucupe; 27 — Ratinar; 28 — Pretencioso; 32 — Aros; 33 — Gão; 34 — Sueca; 36 — Bod; 37 — Missa; 39 — Giur; 40 — Apatia; 42 — Apeado; 44 — Cópias; 45 — Soldar; 46 — Orear; 47 — Séara.

VERTICAIS — 1 — Acaro; 2 — Cabora; 3 — Abalar; 4 — Nit; 5 — Adia; 6 — Leão; 7 — Ars; 8 — Ducamp; 9 — Acampe; 10 — Samoa; 12 — Estratégias; 13 — Presunçosas; 18 — Ro-tinas; 25 — Rat; 26 — Cai; 28 — Propor; 29 — Rodapé; 30 — Sugada; 31 — Oreidar; 32 — Abaco; 35 — Amora; 37 — Miar; 38 — Após; 41 — Tia; 43 — Ele.

Solução do nº 16

HORIZONTAIS — 1 — Camarada; 9 — Aparecer; 10 — Li; 11 — Az; 12 — Ve; 13 — Amoras; 16 — Ed; 17 — Az; 18 — Ni; 19 — Is; 20 — Atordoar; 24 — Lá; 25 — Ao; 26 — Rá; 27 — Adorados; 30 — Saborosa.

VERTICAIS — 1 — Cala; 2 — Apimenta-da; 3 — Má; 4 — Arar; 5 — Rezo; 6 — Ae; 7 — Devassados; 8 — Ares; 14 — Odio; 15 — Saio; 20 — Alas; 21 — Raro; 22 — Doar; 23 — Rasa; 28 — Ob; 29 — Do.

CHAVES HORIZONTAIS — 1 Dar aviso de alguma coisa em alta voz. 5 Devorador. 9 Oportunidade. 10 Templo. 11 Postura. 12 Querosenê. 14 Palmeira do Brasil. 15 Subtraídas. 18 Des-provido de cauda. 19 Importunada. 23 Desam-parado. 24 Relação. 25 Indivisível. 26 Combina. 28 Vigésima-quarta parte do dia natural. 30 Cantar. 31 Escrava egípcia.

Prêmios Para Vocês, Amigas

Comunicamos às nossas queridas vende-doras que deliberamos estabelecer uma gran-de emulação entre as nossas "vendedoras" de O MOMENTO FEMININO, oferecendo um valioso prêmio a quem apresentar mais soma de venda dos exemplares, desta data a 1º de dezembro.

Os grupos deverão se organizar por bairro, com uma responsável junto a nossa redação, que receberá a quota pedida, redistribuindo os exemplares entre as componentes do grupo.

Dentro de cada grupo, a responsável se encarregará de controlar a venda, anotando o número de exemplares vendidos semanal-mente comunicando à redação o resultado, onde será feito um segundo controle.

No fim do mês, ressaltaremos o bairro re-cordista e as vendedoras amigas que terão di-reito aos prêmios dos 1º, 2º e 3º lugar.

Em caso de empate, levaremos a efeito uma venda especial num comando, em auto-movel, com a participação das concorrentes aos prêmios e, então, aquela que mais vender será a vencedora definitiva.

Nesta rápida emulação vamos ver o nosso querido jornal se tornar mais divulgado, mais vendido e mais procurado por todas as mu-heres.

Prevenimos às nossas amigas, que deve-rão receber os jornais na redação, às sextas-feiras, nos dois horários de trabalho.

A COLCHA DE RETALHOS

(Conclusão da 6ª pag.)

— Este, disse-lhe eu, fingindo recordar-me, é o que vestia quando cá estive.

— É engano seu. Era quer qual? Era este de pintas ver-melhas, repare bem.

— É verdade, é verdade! menti. Agora me lembro, era isso mesmo. E este derradeiro?

Após uma pausa dorida, a po-bre criatura sacudiu a cabeça e balbuciou:

— Este é da desgraça. Foi o último que lhe fiz. Com ele fugiu... e me matou.

Calou-se a lacrimejar, trêmula. Calei-me também, oprimido de um infinito apertão d'alma.

Que quadro imensamente tris-te, aquele fim de vida, machu-cado pela mocidade louca!...

E ficamos ambos assim, imó-

veis, de olhos pregados na colcha.

Ela por fim quebrou o si-lêncio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quis. Será agora a minha mortalha. Já pedi que me enterrasem com ela...

E guardou-a dobradinha na caixa, envolta num suspiro ar-rancado ao imo do coração.

Um mês depois moria. Soube que lhe não compriram a última vontade.

Que importa ao mundo a von-tade última duma pobre velhi-nha da roça? Pieguices...

MOMENTO FEMININO

EXPEDIENTE

Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55

Sala 14 — Cx. Postal, 2013

Rio de Janeiro

Número Avulso. . . Cr\$ 1,00

Atrasado. Cr\$ 2,00

"A MANHÃ"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

É o maior quinta-ferino do mundo

ASSINE MOMENTO FEMININO

3 MESES . . . Cr\$ 12,00

6 MESES . . . Cr\$ 22,00

12 MESES . . . Cr\$ 40,00

Pedidos para a gerente

LUIZA REGIS BRAZ

Caixa Postal, 2013 — Rio de Janeiro

HÉLIO WALCACER

Advogado

R. 1.º de Março, 6 —

4.º And. — Sala 4

Telefone: 433505

DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41

Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

Distribuidora Unidade

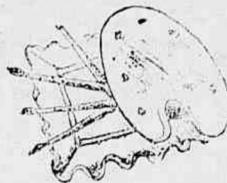
OBRAS SOCIAIS — REVISTAS E JORNAIS

Accepta todo e qualquer pedido de livros pelo serviço de

REEMBOLSO POSTAL

RUA GENERAL CAMARA, 381, 1.º AND.

PORTO ALEGRE



ARTES PLÁSTICAS



PERCY LAU NOS ARQUITETOS

SILVIA

Na sala do Instituto dos Arquitetos do Brasil, assistimos, e continua aberta ao público mais uma exposição de desenhos e gravuras de Percy Lan.

Peruano de origem, mas brasileiro de Recife, Percy Lan figura entre os maiores nomes do nosso desenho. Com um traço delicado, chegando aos mais íntimos detalhes no seu trabalho, encontramos no artista uma sensibilidade que deixa bem marcada a sua razão de viver. Penetrando na terra, no homem, nos campos ru-rais ou nos engenhos de tra-balho camponês, há qual-quer coisa de definitivo em sua obra. Sobressal principal-mente pela marca pessoal de tudo que realiza no dese-nho ou na gravura.

As características do dese-nho de Percy Lan são tão fortemente brasileiras que é completamente dispensável

constatar a sua qualidade de cidadão nascido por acaso num país vizinho.

Além de todas as marcas assinaladas, vale ainda di-zer que o desenho de Percy Lan é essencialmente do-cumental.

Com o branco e o preto consegue o artista aprove-ltar todos os seus recursos naturais, não deixando nun-ca qualquer superação para as suas cores.

Agora, começa com insis-tência a colorir a gravura. Utiliza para isso os seus tons suaves e ganha muito em sabor e poesia. Consegue, mesmo, com as suas cores, uma aproximação mais viva com os aspectos fixados.

Dedica sempre a sua sen-sibilidade à mulher que tra-balha. Vemos assim, as suas já famosas lavadeiras, a co-lheita do mate, do café, em tudo, Percy sente muito a mulher, companheira de ho-mem. Realizando os seus trabalhos, Percy abre sem-pre verdadeiros clarões brancos em seus fundos ne-gros, exaltando de maneira agradável aquilo que deseja expor e divulgar.

Também realiza uns nês com muita beleza e muita harmonia.

Aconselhamos às nossas amigas, como já falamos mais de uma vez, o hábito de visitar mostras de arte.

A exposição de Percy Lan está aberta à visita pública até o dia 5 do corrente mês e a entrada é franca.

MOMENTO FEMININO convida a todos para essa visita ao seu amigo e cola-borador proporcionando as-sim um agradável ambiente de arte e beleza, para as suas leitoras.

PRIMEIRO ANIVERSARIO DO INSTITUTO FEMININO DO SERVIÇO CONSTRUTIVO

Em sua sede, à rua Marquês de Abrantes, n.º 144, foi comemorado com grande número de presentes, o primeiro aniversário do Instituto Feminino do Serviço Construtivo.

Uma farta mesa de doces, organizada pelas Uniões e organizações femininas, enfeitava bastante aquela pequena sala, onde, durante um ano, o Instituto vem trabalhando incansavelmente. Dando início à sessão Dona Alice Tibiriçá, presidente dessa organização fez um pequeno discurso, ressaltando o trabalho dos principais departamentos do Instituto. Vamos resumir as palavras de Dona Alice Tibiriçá, pois as mesmas encerram grande número de afirmações justas.

"Embora com lentidão, os nossos esforços estão produzindo o seus resultados. Esta reunião de hoje é uma prova disso. Sempre achei que era difícil trabalhar com mulheres, mas hoje me penitencio do que eu pensava... As mulheres organizadas sabem trabalhar e lutar por seus interesses. Há um ano atrás, no dia 28 de outubro de 1946, foi fundado este Instituto. De lá para cá, muitos acontecimentos se sucederam. Fundamos esta organização com o intuito de organizar as mulheres do Distrito Federal e lutar pelo ideal que o ideal de todas nós. Para isso, criamos diversos Departamentos.

"O DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — sob a direção de Dona Branca Fialho, vai aumentar o seu trabalho, pois já foi organizado um plano de conferências, aulas, etc... e para esse fim foi alugada uma sala na cidade. O Departamento dos Direitos da Mulher, um dos principais esteios do Instituto, formado por advogadas, como a dra. Nice de Figueiredo e Diana de Brito. Este departamento já programou uma mesa redonda a fim de que sejam discutidos os principais problemas da mulher, os seus direitos, em face da Constituição e do Código Civil, que, entre parentesis, é uma verdadeira vergonha para a mulher brasileira: O Departamento da Criança, que procura organizar creches e auxiliar as mães nos seus afazeres. O Departamento de Diversões tendo à frente d. Maria Jackes, se encarrega das festas do Instituto e está organizando um teatro de fantoches. O Departamento Trabalhista, procura ajudar a mulher que trabalha, estuda o problema dos menores e dos trabalhadores em geral, em sua dura luta pela vida. O Departamento de Economia, criado no intuito de ajudar as mulheres na sua luta contra a carestia, conta com o apoio de todas Uniões. Este Departamento pretende criar uma cooperativa de consumo, como já foi feito pela União Feminina de Flamengo, Glória e Catete.

ODEPARTAMENTO DE PAZ, ao qual todas as mulheres devem pertencer. A Paz está dentro de nossos corações. Todas nós queremos a Paz. Não queremos mais guerra. E aqui fazemos um juramento pela Paz. As mulheres devem lutar sempre para que ela seja uma realidade. A paz é o nosso anseio. As palavras de Cristo, devem ser nossa também: "Que a paz esteja convosco". Só os inimigos da humanidade, os egoístas, os que não tem nenhum sentimento de solidariedade humana, podem desejar a guerra. A paz deve se sobrepor à guerra e isso será conseguido pelas mulheres. Transmitemos os nossos anseios de paz a todos os homens".

As mulheres presentes, solidarizando-se com estas palavras de d. Alice, manifestaram a sua aprovação em palmas calorosas.

Prosseguindo na sua saudação, d. Alice, falou ainda no Departamento de Finanças, fazendo um apelo para que todas as mulheres auxiliassem esse Departamento, pois sem ele nada poderá ser realizado. Todas devem se esforçar no sentido de conseguir auxílio financeiro para o Instituto.

Encerrando o seu discurso, d. Alice Tibiriçá, fala ainda na necessidade da União de todas as mulheres, a fim de que o trabalho resulte realmente produtivo. Fala ainda do dia 21 de julho, que deve ser considerado o dia da mulher carioca, dia em que as mulheres, organizadas, tentaram fazer uma passeata para contar ao povo carioca e ao governo as suas dificuldades e pedir providências. Mas essa



Um flagrante da reunião vendo-se no momento em que apagava a vela do bolo, a sra. Alice Tibiriçá

passeata foi proibida, e as mulheres, por estarem unidas, conseguiram se fazer ouvir através às 4 vereadoras da Câmara Municipal. Por fim, d. Alice agradece a confiança de todos e faz votos para que a paz seja preservada, para que as crianças de hoje não se transformem em soldados no futuro. Deseja ainda felicidades a todas e agradece as manifestações. O discurso de d. Alice, foi encerrado com

muitas palmas e "pique-pique". Falaram ainda as diversas representantes da União, saudando d. Alice e o Instituto Feminino de Serviço Construtivo.

A festa foi encerrada, com os bolos, doces, bombons e um ótimo refresco.

MOMENTO FEMININO se solidariza com os festejos do aniversário do Instituto Feminino e deixa aqui as suas sinceras saudações.

A MULHER TRABALHADORA E A CRISE ATUAL

Um longo apito prevenia que a fábrica acabava de encerrar mais um dia de trabalho.

Os operários transpõem os portões a passos rápidos e dirigem-se para seus modestos lares.

Abordei aquela operária de rosto abatido e aspecto cansado, que, carregando sua marmita, encaminhava-se para o ponto do bonde.

— Que penso da crise que atravessa o país? Ora, sem dúvida, são as trabalhadoras as mais atingidas pela situação atual. Dia a dia aumenta escandalosamente o preço das utilidades, enquanto os salários continuam na mesma.

O ordenado de meu marido, que antes permitia vivermos modestamente, tornou-se insuficiente. Verifiquei, alarmada, que iríamos passar fome, se eu também não me empregasse para com meu ordenado ajudar a equilibrar as despesas.

Desta forma, passei a ter duas funções ao mesmo tempo: dona de casa e trabalhadora. Se minha vida antes era um tormento, tornou-se insuportável, no pé em que as coisas se encontram.

O trabalho na fábrica começa às 7 horas, mas tenho que me levantar às 4 para enfrentar as filhas, fazer a refeição que eu e meu marido levamos nas marmitas, deixar as mamadeiras prontas

A Via Crucis De Uma Operária

ODILA SCHMIDT

tas para as crianças menores e almoço para as maiores que também tenho que preparar para a escola.

Uma vez no trabalho, passo o dia atribulada, pensando nos filhinhos que deixei trancados em casa, pois não existe no bairro cheche ou jardim da infância onde pudessem ficar em segurança. Esta preocupação constante não me permite trabalhar direito, machucou-me a todo instante e sou repreendida pelo patrão, que não se interessa pelo meu estado de alma.

— E as condições do local de trabalho?

— São péssimas. Não temos refatório nem aquecedor; comemos a refeição fria, junto aos teares no meio da poeira ou então, sentadas na calçada do pátio; não temos água filtrada para beber; não existem lavatórios nem reservados em quantidade suficiente; há muita falta de higiene; não temos lugar para mudar de roupa nem armários para guardá-la.

— Mas, e as leis trabalhistas?

— Só existem no papel. Sabemos que elas determinam várias medidas de proteção, higiene e segurança;

mas o fato é que não são cumpridas.

— Não existe um meio de exigir o cumprimento destas leis?

— Bem, às vezes alguma operária, revoltada com o que acontece, procura o patrão para pedir melhoria de condições; porém o resultado é sempre máu; geralmente a operária recebe insultos pela sua ousadia e é suspensa por muitos dias ou mesmo despedida.

Sei perfeitamente que isto acontece porque infelizmente a maior parte das mulheres ainda não compreendeu que devemos nos unir para vencer. Somos desorganizadas e com isto favorecemos nossos exploradores. Certamente, se ao invés de uma fossem todas juntas reclamar, o patrão não teria outro remédio senão atender.

Basta citar os êxitos que vêm sendo alcançados pelas Uniões Femininas de bairro, nas quais as donas de casa lutam organizadas contra a carestia de vida; se no local de trabalho não fizermos o mesmo, jamais conseguiremos que as leis sejam obedecidas.

Bem, minha amiga, tenho que ir para casa fazer o jantar e aproveitar o resto do dia para coser, lavar e passar a roupa da família.

É esta, prezadas leitoras, a situação das operárias brasileiras.